

4

A reconstrução da Identidade como ética: no Reino do Bem

Vimos no capítulo anterior que o ser humano é fechado em si, busca sempre a própria felicidade, e sozinho não consegue se modificar, sendo necessário a alteridade chocante³⁴⁷ para levar a subjetividade³⁴⁸ transcender para além do ser. Para Lévinas, isso só pode acontecer porque a ‘alteridade’ vem de fora, através do ‘outro’³⁴⁹ que ao chocar, pela ‘ética’, interpela, levando o ser para além do ser.

Neste capítulo continuaremos a conhecer o pensamento de Lévinas, seguindo o olhar de Susin³⁵⁰ e traremos outros comentadores para complementar nossas reflexões. Desejamos mostrar que se vivenciarmos ‘o amor incondicional de Deus’ na ‘ética levinasiana’, teremos a chave para avançarmos além do ‘mundo do ser’ e começarmos a viver aqui ‘o reino do Bem’, ‘o reino de Deus’. Dessa forma, poderemos trocar a violência, - que conforme Lévinas nos mostra, é calcada no egoísmo exacerbado do ser, - pelo respeito e responsabilidade ao ‘outro’ e por ‘todos’. Despertando para viver não mais um humanismo centrado no eu, mas um humanismo centrado no outro, onde todos possam estar incluídos.

Não pretendemos trabalhar a ética como a seção moral da teologia, mas como uma compreensão da teologia que nos ajude, como explica Luis Carlos Susin, a despertar para uma vida voltada ao ‘outro’ para a qual fomos ‘eleitos’ e criados pelo ‘Outro’³⁵¹, antes de nos tornarmos ser. Trata-se de uma compreensão possível de nos ajudar como seres humanos a irmos além do ser, a fim de que cada um de nós possa se descobrir como um ser humano ‘desde-o-Outro-para-o-outro’, onde a primazia seja a ética como responsabilidade pelo outro, aceitando-o com toda sua alteridade.

³⁴⁷ Alteridade chocante refere-se ao ‘outro’: o pobre, a viúva, o estrangeiro, o doente. Em suma, aos excluídos da sociedade.

³⁴⁸ Subjetividade, o eu, o ente consciente, a consciência.

³⁴⁹ Continuaremos neste capítulo usando ‘outro’ para representar tanto o feminino como o masculino, pois é assim que Lévinas e Susin procedem.

³⁵⁰ SUSIN, Luiz Carlos. *O homem Messiânico: Uma introdução ao pensamento de Emmanuel Lévinas*. RS/ RJ: EST/Vozes, 1984.

³⁵¹ Neste capítulo permaneceremos usando o ‘Outro’ Infinito, Deus, com letra maiúscula. Quando se tratar do ‘outro’ ser humano, colocaremos com letra minúscula. Entretanto, o próprio Lévinas diz existir uma ‘equivocidade’ entre os dois, cuja diferença só consegue ser vista no mundo do Bem. Esta ‘equivocidade’ aparecerá também em nosso texto.

4.1. Ética e metafísica

Segundo Lévinas a sociedade ocidental “concebeu a moral como um conjunto de regras de conduta fundamentadas sobre a universalidade das máximas ou sobre um sistema hierarquizado dos valores. A moral possuía em si mesma uma razão,”³⁵² mas sua relatividade histórica comprometeu as próprias normas morais e a ética.

Por sua relatividade histórica, por suas desenvolturas normativas que se diz regressivas, a ética é a primeira vítima da luta contra a ideologia que ela suscita. Ela perde seu estatuto de razão por uma condição precária na astúcia. Ela passa por um esforço inconsciente, seguramente, mas suscetível também de tornar-se consciente e, conseqüentemente, corajosa ou negligente, com a intenção de enganar os outros e seus próprios fiéis ou pregadores.³⁵³

Para ele, ética significa ‘metafísica’ porque diz respeito à transcendência do outro. Uma transcendência que não é somente física e aponta para o futuro.

O desejo metafísico tende para uma coisa inteiramente diversa, para o absolutamente outro [...] O desejo metafísico não aspira ao retorno, porque é desejo de uma terra onde de modo nenhum nascemos. [...] O desejo metafísico não assenta em nenhum parentesco prévio; é desejo que não poderemos satisfazer. [...] O desejo metafísico tem uma outra intenção – deseja o que está para além de tudo o que pode simplesmente completá-lo. [...] Morrer pelo invisível – eis a metafísica.³⁵⁴

“Por metafísica Lévinas entende uma relação ao ‘outro’ que se produz no desenrolar da existência terrena sem culminar na totalidade divina ou humana, e na qual os sujeitos intervenientes se mantêm absolutos, transcendentos”.³⁵⁵

O pensamento ético de Lévinas, embora seja herança da tradição filosófica ocidental, rompe com a tradição. Lévinas defende uma anterioridade da ética em relação à ontologia. Segundo José Valdinei Miranda, “demarca o início de um novo pensamento ético não mais subordinado à ontologia do ser ou ao modo de ser, mas descrito como um ‘outro modo que ser’ ou para além do ser”.³⁵⁶

Lévinas não aborda a ética a partir da construção de um código de regras e

³⁵² LÉVINAS, Emmanuel. *De Deus que vem à ideia*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002, p. 19.

³⁵³ IDEM. Ibidem, p. 21.

³⁵⁴ IDEM. *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70, Lda, Portugal, 2008, p. 20-21.

³⁵⁵ PILONETO, Luiz Éderson *A ética como reconstrução do sentido do humano em Emmanuel Lévinas*. Disponível em site: http://lampiaoatomico.blogspot.com/2010/08/por-ederson-luiz-pilone-to-publicado_06.html. Acessado em 14/06/2011.

³⁵⁶ MIRANDA, José Valdinei A. *Ética da alteridade e Educação*. Porto Alegre, 2008. Tese de doutorado, Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em site: <http://hdl.handle.net/10183/14654>. Acessado em 10/11/2010, p. 108

leis para normatizar o agir moral das pessoas, nem mostra interesse na ética no sentido de uma reflexão crítica sobre valores morais. Ele não procura responder como se deve agir. Lévinas diz: “A minha tarefa não consiste em construir a ética; procuro apenas dar-lhe o sentido”.³⁵⁷

Segundo Miranda, em Lévinas,

A ética não é descrita desde o formalismo do ‘dever ser’, e sim como relação face a face, relação de proximidade com o Outro. Enfim, a ‘ética’ é um acontecimento que inaugura o humano e inscreve, na relação ‘um-para-o-outro’ o sentido ético da sociabilidade entre os homens.³⁵⁸

A ética é fundamentalmente a relação primordial entre o Eu e o Outro, aproximando dois mundos: o Mesmo e o Outro. “Uma relação caracterizada pelo movimento de transcendência que possibilita a saída do egoísmo do Mesmo em direção ao absolutamente Outro”.³⁵⁹

Para Lévinas, o ‘outro’ ao se colocar frente a frente, não é só alguém que difere de quem está à sua frente, mas é muito mais que isso. Ele é “transcendência, altura, excelência, mandamento e ensinamento, meu senhor”.³⁶⁰ Ele é enviado como quem necessita da bondade daquel@³⁶¹ que está a sua frente. Mas est@ é alguém que também precisa receber alguns aspectos importantes, como ‘sua altura, excelência, e o próprio ser’, pois só através del@ a subjetividade de quem está a sua frente nascerá como bondade, e se resgatará do mal. Só através deste ‘outro’ a ‘subjetividade’ será capaz de receber dando, e poderá começar uma nova história, um novo destino.

4.2. Ser-para-o-outro

A partir do ‘outro’, o ‘eu’ receberá, então, o verdadeiro ser, afastado do mal e da solidão, com o ‘ser-para-si’ transformando-se em ‘ser-para-o-outro’. E este ser poderá ir ainda mais longe para o além do ser, o ‘um para o outro’, e

³⁵⁷ LÉVINAS, Emmanuel. *Ética e Infinito*. Lisboa: Edições 70, Lda, Portugal, 2007, p. 73.

³⁵⁸ MIRANDA, *Ética da alteridade*, p. 108.

³⁵⁹ IDEM. *Ibidem*, p. 109.

³⁶⁰ SUSIN, *O homem messiânico*, p.257.

³⁶¹ Continuaremos colocando este sinal @ para representar diversidade de gênero.

finalmente, em o ‘ser para todos’, que segundo Susin, é ‘o homem messiânico’. “Messianidade’ que surge pela irrupção do ‘outro’”.³⁶²

O Ser-para-o-outro é um caminho que vai na contra corrente do ‘eu’. O ‘para’ muda de direção, como se fosse um novo nascimento, saindo do ‘para si’ e transformando-se em ‘para o outro’. Um modo de ser que ocorre pela “consciência moral, linguagem moral, conhecimento moral, pensamento moral, diaconia, bondade e justiça, nas quais fica inteiramente convertido todo o ser anterior. Ser moralmente é ser justificado”.³⁶³

Para Lévinas a ética é mais ampla que a ontologia. Seu sentido é anterior ao ser, e está ligado à bondade, pela qual vale a pena ser e sacrificar o ser. A ética não está relacionada com ‘o bem e o mal’, tampouco com a ordem de valores. Trata-se de uma ‘relação interpessoal fundacional’.

De acordo com Nélvio Vieira Melo³⁶⁴:

O para-o-outro não é senão o modo de ser existente, o para-o-outro é toda a materialidade da pessoa humana. É o sujeito frente a frente à realidade do outro, como um outro, como uma totalidade. Não como uma totalidade universal que, pela sua facticidade totalizadora é nadificada pelo fato da sua própria existência ser para-a-morte, mas uma totalidade destotalizadora, na qual o sujeito é senhor de seu próprio existir, graças ao apelo do outro que o libera e o põe em um estado de êxodo.³⁶⁵

A partir do ‘outro’, o ser pode despertar e mostrar uma capacidade de libertação em relação ao mundo como princípio, e a subjetividade que se encontra alienada dentro do mundo, percebendo como sua origem nas mediações: a história, o destino, a sociedade, a política, a ciência, etc; vê a possibilidade de sair da prisão em que se encontra.

Surge aqui a importante pergunta, como isso acontece? Como ocorre essa transformação? É o que procuraremos ver, passo a passo.

³⁶² SUSIN, *O homem messiânico*, p.257.

³⁶³ IDEM. *Ibidem*, p.258.

³⁶⁴ Professor da Faculdade de pedagogia da Universidade Federal do Pará (UFPA). Autor de diversos artigos e do livro *A ética da alteridade em Emmanuel Lévinas*.

³⁶⁵ MELO, Nélvio Vieira de. *A ética da alteridade em Emmanuel Lévinas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, p. 83.

4.2.1.

Consciência e desejo

Para Lévinas a ética não é uma etapa.³⁶⁶ No face a face, o ‘outro’ que é exterioridade e anterioridade, é capaz de colocar aquele que está à sua frente em uma crise total, e a partir daí romper todo o egoísmo, desmontando as justificativas, provocando uma explosão que desarma e leva o ‘eu’ a enxergar o ‘outro’ que está diante dele.

O ‘Outro’, concretizando a idéia do Infinito possibilita este despertar através da consciência moral. Essa contracorrente começa com um questionamento que vem do ‘outro’, tira o ser do foco de si mesmo, e com a má consciência vai provocando a paralisação do movimento soberano. Esse questionamento moral vem de uma exterioridade que não pode ser reduzida ao eu, e coloca o ser em crise.

Este ‘outro’ é diferente de si, e não pode ser transformado em um Mesmo, pois como ‘o pobre, o órfão, a viúva, e o estrangeiro’ está a questionar, a chamar à diaconia. Este chamamento coloca o ser em direção contrária a si mesmo, ao seu egoísmo, levando-o a nascer novamente. Mas um nascer como servo, não mais como a pessoa autosuficiente e soberana de antes, mas alguém mais livre e humilde. Como nos diz Susin “é a questão que me porta para além da minha vontade e consciência.[...] porta-me para além da existência solitária.”³⁶⁷

Segundo Lévinas existe a boa consciência e a má consciência. A boa consciência traz proposições que podem ser verdadeiras ou falsas, mas estas são transformadas em verdades que levam à identificação, não trazendo mudanças. Já a má consciência é a resistência à compreensão intelectual e à força da razão.

Consciência confusa, consciência implícita que precede toda intenção - ou retomada de toda intenção - ela não é ato, mas passividade pura. [...] Consciência que, antes de significar um saber de si, é apagamento ou discrição da presença. Má consciência: sem intenções, sem visadas, sem a máscara protetora do personagem contemplando-se no espelho do mundo, seguro e a se posicionar; sem nome, sem situação e sem títulos.³⁶⁸

A má consciência provoca o nascimento do eu oriundo do ‘Outro’, levando o ser a uma resposta ao ‘outro’ pela ruptura da identidade, e a capacidade para assumir responsabilidades pelo ‘outro’. Ela paralisa o movimento soberano, e a

³⁶⁶ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 260.

³⁶⁷ IDEM. *Ibidem*, p. 261.

³⁶⁸ LÉVINAS, *De Deus que vem...*, p. 229.

preocupação com o mundo, mas amplia a preocupação com o ‘outro’, devolvendo ao eu o seu ponto de origem para além da ontologia, despertando a subjetividade para o questionamento inquietante diante do ‘outro’.

Junto com o questionamento surge a vergonha moral que pode levar à dor e às lágrimas. Isto significa a “ruptura do círculo da totalidade onde se fechava a subjetividade solitária, é sintoma da presença do Infinito e abertura ao Infinito”.³⁶⁹ Para Lévinas, a vergonha é importante, positiva, e dá a possibilidade da subjetividade de nascer novamente, como um processo de cura.

Da vergonha moral surge o desejo. “Um desejo que vem do ‘outro’, do seu Olhar, da sua palavra e do seu infinito”.³⁷⁰ Pode-se tentar passar indiferente pelo ‘outro’ ou procurar não notar quando este passa, mas a presença do ‘outro’ é capaz de provocar um estremecimento e o desmoronamento do mundo, fazendo surgir “o desejo do absolutamente ‘Outro’, para além da fome que se satisfaz, da sede que se mata e dos sentidos que se apaziguam, a metafísica deseja o ‘Outro’ para além das satisfações”.³⁷¹ “No desejo, o Eu (Moi) põe-se em movimento para o ‘Outro’, de maneira a comprometer a soberana identificação do Eu (Moi) consigo mesmo, cuja necessidade não é mais que nostalgia e que a consciência da necessidade antecipa”.³⁷² O desejo é a subjetividade se abrindo e começando um caminho que não tem retorno em si, pois o desejo leva a subjetividade a sentir mais desejo, a penetrar mais no Infinito, sem jamais se saciar. “O desejo do Outro, que nós vivemos na mais banal experiência social, é o movimento fundamental, o elã puro, a orientação absoluta, o sentido”.³⁷³

O desejo vem de fora como revelação. É palavra, mandamento do bem, e consciência moral. Liberta do mundo e de si, da riqueza, do ter, do ser, do poder, levando a pessoa a dar mais do que tem e do que pode doar. “No desejo, o ser do Eu apresenta-se ainda mais alto, dado que pode sacrificar a própria felicidade ao seu desejo”.³⁷⁴ É a transformação radical do ser em bondade como ‘resposta e responsabilidade’.

³⁶⁹ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 264.

³⁷⁰ IDEM. *Ibidem*, p. 265.

³⁷¹ LÉVINAS, *Totalidade e Infinito*, p. 20-21.

³⁷² IDEM. *Humanismo do outro homem*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1993, p. 49.

³⁷³ IDEM. *Ibidem*.

³⁷⁴ IDEM. *Ibidem*, p. 51.

4.2.2. Linguagem e Verdade

No pensamento de Lévinas, a linguagem desempenha um papel decisivo no ser-para-o-outro, desde uma simples saudação até a linguagem do sacrifício expiatório e o testemunho, que vão além das palavras.

O ‘outro’ que visita é olhar, palavra, questionamento e mandamento. Este Olhar questiona e a consciência moral traz a vergonha, o desejo, e o discurso. Lévinas prioriza o discurso, e não o diálogo. No discurso há desigualdade entre os seres humanos, e o que sai do ‘outro’ e vice-versa’ não pode ser trocado entre eles, pois não possui a mesma significação. Entretanto, a palavra do ‘outro’ é revelação e mandamento, e como tal é a imagem de Deus revelando-se, anunciando-se. A palavra do sujeito será, então, “invocação e resposta, ou seja, responsabilidade”.³⁷⁵

Para Lévinas, do nascer para o ‘outro’, face a face, surge a linguagem, e nela a saudação, a invocação e a oração.

A saudação de quem recebe e responde vem da subjetividade que renuncia a solidão, expõe-se e invoca o ‘outro’. O ‘outro’ ao responder traz uma nova revelação, e um novo choque que leva a consciência voltar a se surpreender e a indagar. E a invocação vai acontecendo cada vez mais, como uma oração.³⁷⁶

Na invocação e na oração existem dois momentos: falar e escutar; revelar-se ao ‘outro’ e desejar a revelação. Neles estão presentes a alteridade e a subjetividade, mas não há reciprocidade entre elas.

O olhar que suplica e exige - que só pode suplicar porque exige - privado de tudo porque tendo direito a tudo e que se reconhece dando [...] Reconhecer outrem é reconhecer uma fome. Reconhecer outrem - é dar. Mas é dar ao mestre, ao senhor. Àquele que se aborda como ‘o senhor’ numa dimensão de altura.³⁷⁷

A palavra é o princípio entre pessoas, mas antes da palavra há uma face que olha e fala. Uma face que vem antes do princípio e envia o princípio. Ou seja, envia a palavra. “A linguagem só pode dizer-se se o interlocutor for o começo do seu discurso, e se, por conseguinte, ele permanecer para além do sistema, ou seja, se não permanecer no mesmo plano que eu”.³⁷⁸ O princípio da relação entre

³⁷⁵ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 269.

³⁷⁶ IDEM. *Ibidem*, p. 270.

³⁷⁷ LÉVINAS, *Totalidade e Infinito*, p. 65.

³⁷⁸ IDEM. *Ibidem*, p. 92.

peessoas vem da palavra reveladora de cunho moral, capaz de criar resposta e responsabilidade. Palavra que vai além do simbolismo e do reino do ser, sendo capaz de fazer justiça, onde a história não fez.

Nesta palavra original que é resposta ao Infinito, surge a possibilidade de falar de si, sem precisar de intermediação e sem o processo solitário de auto-identificação. Do face a face surge a sinceridade e a justiça, tornando possível o ‘eu ser eu’ em resposta ao chamado do ‘outro’.

Susin nos diz que a palavra original segue um caminho ético, o qual envolve bondade e justiça. “A palavra desperta na obrigação e na urgência de uma resposta a dar ao mandamento [...] é resposta ao infinito, palavra insuficiente e insatisfação ao mais ou menos, ao desigual, ao meu senhor e ao pobre”.³⁷⁹

Desta relação com o ‘outro’ surge a verdade fiel, justa e obediente. Mas do ‘outro’ pode também vir o erro, e a teoria. Para isso não acontecer é necessário que tenhamos uma verdade intelectual que venha de uma alteridade absoluta anterior à ontologia, uma transcendência na qual não haja o domínio da compreensão, mas que comande a compreensão.

De acordo com Lévinas, para se obter a verdade na relação com o ‘outro’, é necessário assumir uma posição de discípulo, tendo atenção e resposta, e conservar a objetividade do mundo entre o ‘outro’ e eu. “Estar atento significa um acréscimo de consciência que supõe o apelo do ‘Outro’. Estar atento é reconhecer o domínio do ‘Outro’, receber a sua ordem ou mais exatamente, receber dele a ordem de mandar”.³⁸⁰

A resposta ao ensinamento do mestre é a consciência cognitiva despertando como consciência moral, aderindo à revelação e ao mandamento.

Para Lévinas, a chave para se entender o mundo está no ensinamento sobre o mundo que o ‘outro’ traz através da sua palavra. Este por ter uma transcendência absoluta em relação ao mundo, e pela relação anterior e exterior ‘outro-palavra-mundo’ não corre o perigo de formar totalidade e absorver o mundo.

³⁷⁹ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 276.

³⁸⁰ LÉVINAS, *Totalidade e Infinito*, p. 173.

4.2.3.

Razão e Liberdade

Para este filósofo a razão precisa vir de fora, através da linguagem, pois dessa forma rompe o antigo processo que sai da razão e do pensamento à linguagem. Ela não serve à razão, mas é o seu princípio.

A linguagem não tem lugar no interior de uma consciência, vem-me de outrem e repercute-se na consciência pondo-a em questão, o que constitui um acontecimento irredutível à consciência, onde tudo sobrevém a partir do interior, mesmo a estranheza do sofrimento.³⁸¹

Susin explica que a palavra, ao ser enviada pelo ‘outro’, provoca uma explosão na razão que até então queria ser pensamento e ordem universal, doadora última de sentido. Porém, ao ser iluminada pela palavra do ‘outro’, a razão descobre estar sendo usada para corromper ou entrar em acordos dentro de sua totalidade. A luz tira a razão da solidão e da prisão da identidade, despertando-a para a universalidade da multiplicidade e da paz.

Para Lévinas, a palavra do ‘outro’ dá um sentido, uma direção, uma missão que se torna a razão da razão. “O sentido é o rosto de outrem e todo o recurso à palavra se coloca já no interior do frente a frente original a linguagem”.³⁸²

O pensamento, quando é despertado pelo ‘outro’, volta-se ‘para o outro’. “O pensamento é, então, um apelo e uma oferta, uma tensão e uma ocupação moral”.³⁸³ Por isso podemos dizer que a importância de uma ideia não está na sua genialidade ou não, “mas pela responsabilidade, pela vigilância e pela inquietude no seio de uma obediência e de um imperativo categórico externo à razão e que anima a razão[...] apóia-se no amor sem eros da responsabilidade por outro”.³⁸⁴

A existência da razão se justifica na razão da razão ser voltada para o serviço da justiça, pois o pensamento justo é aquele que consegue ouvir por trás da razão a palavra do ‘outro’, como mandamento e súplica.

De acordo com Lévinas, no drama a três:

Ele -Deus - deixou inseparadamente no seu vestígio o Olhar nu e a palavra, que são mandamento e princípio da razão, sem contudo perder sua transcendência enigmática de ‘Ele’, e sem que o Olhar e a palavra, na aliança a Ele e como imagem dele, possam se tornar ‘objetos da razão’ submetendo-se a mim.³⁸⁵

³⁸¹ LÉVINAS, *Totalidade e Infinito*, p. 199.

³⁸² IDEM. Ibidem, p. 202.

³⁸³ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 286.

³⁸⁴ IDEM. Ibidem, p. 287.

³⁸⁵ IDEM. Ibidem.

Para Lévinas, a liberdade e a vontade são características do humano soberano e *ex-nihilo*. No entanto, quando estão diante do ‘outro’, a razão e a verdade estão condicionadas à palavra e ao ensinamento do ‘outro’, e a liberdade se desarma. Diante do questionamento do ‘outro’ a liberdade vê sua irracionalidade, arbitrariedade, capacidade para a mais cruel violência, e não conseguindo dar uma razão a si mesma, um sentido além de si mesma, fica injustificada. “O tu não cometerás assassinio que esboça o rosto em que o Outrem se produz, submete minha liberdade a julgamento”.³⁸⁶

O choque que a presença do ‘outro’ provoca, desperta a liberdade dando-lhe consciência da injustiça, da imoralidade, levando-a a recuar. “Diante da palavra do ‘outro’, no questionamento que vem da sua altura e nudez, que na vergonha e no recuo, a liberdade expulsa de si mesma, sem reservas a arbitrariedade”.³⁸⁷

A separação entre liberdade e arbitrariedade dá à liberdade possibilidade de tomar outro rumo. Esta mudança só é possível porque é o ‘Outro’ em sua altura e humildade, quem convoca e julga a liberdade.

Justificação moral da liberdade não é nem certeza, nem incerteza. Não tem estatuto de um resultado, mas realiza-se como movimento e vida. Consiste em apresentar à sua liberdade uma exigência infinita [...] em relação a si, na superação de toda a boa consciência.³⁸⁸

Ao julgar a liberdade o ‘outro’ sem condenar ou acabar com a ‘liberdade’, retira a violência, investindo-a de missão. Esta missão é a justificação da liberdade que se torna reta, voltada para a justiça. Uma liberdade voltada para a responsabilidade do outro, cujo fundo é a bondade. Um relacionamento de respeito, obediência, docilidade e fidelidade, onde o ‘outro’, que é mandamento, sustenta, ensina e estimula a liberdade. É o mestre da liberdade.

4.2.4.

Vontade e Bondade

A vontade está ligada a liberdade. Apesar disso, Lévinas vê na vontade capacidade de caminhar em sentido oposto, em direção ao ‘outro’, percorrendo o mesmo caminho feito pela verdade, linguagem, e a liberdade.

³⁸⁶ LÉVINAS, *Totalidade e Infinito*, p. 301.

³⁸⁷ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 288.

³⁸⁸ IDEM. *Ibidem*, p. 302.

Diante do ‘outro’, no face-a-face, a vontade pode seguir no caminho inverso do eu, pois a verdade, a razão e a liberdade não estão mais em função da vontade em si, permitindo que a vontade possa tornar-se bondade.

Para Lévinas, é possível se educar a vontade. Uma educação cujo objetivo não seria apenas procurar impedi-la de ser razão última, ou aniquilá-la para torná-la um ser sem força, sem pulsões. Educar a vontade é deixar surgir no face-a-face com o ‘outro’ a invocação e o mandamento para se chegar ao ‘outro’ como bondade. A vontade pode dizer ‘não’, e ignorar a revelação do ‘outro’, recusando-se a caminhar em direção a ele, ou pode tornar-se uma vontade ética, sendo “a força, a pulsão e a potência da bondade, ensinada pela verdade da linguagem do mestre, pela razão, pela retidão da liberdade”, ³⁸⁹. “Vontade capaz de resistir à pressão tirânica e à corrupção”.³⁹⁰ Vontade que é diaconia: boas obras, oração e fidelidade, dirigida para fora de si, em relação com a bondade. Diaconia é o despertar da vontade no seio da consciência moral que se torna primordialmente uma devoção de servo. E ao se ter vontade de servo não há mais como produzir uma obra apenas para si próprio, para seu único benefício. A vontade age agora voltada para o outro, sem as mediações de dominação.

A partir do Olhar do ‘outro’ surge a obrigação que pode fazer com que a casa deixe de ser fechada para a intimidade; e passe a ser casa-para-o-outro, com as portas abertas e vulneráveis. A propriedade passe a ser “alienável como doação e precisamente assim é transcendência”.³⁹¹ Uma transcendência econômica que ultrapasse as coisas do mundo, onde a transcendência do eu não está em ver, conhecer ou receber o que está além, mas em dar, não do supérfluo, mas do necessário. “Uma transcendência que ocorre dentro do mundo econômico, que acontece nesta terra e não num além.” ³⁹²

4.3. Um-para-o-outro

Quando o ser humano desperta para o ‘outro’, transcende para além do ser, passando então a ser regido pelo que Susin aponta como ‘Reino do Bem’.

³⁸⁹ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 293.

³⁹⁰ LÉVINAS, *Totalidade e Infinito*, p. 234.

³⁹¹ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 294.

³⁹² IDEM. *Ibidem*.

Sua preocupação não é mais de ser; o sentido de existir não é o de perdurar a totalidade; e sua subjetividade diferenciada do ‘mundo do ser’ “pode ser resumida em responsabilidade, aliança ao bem e temporalização”.³⁹³

De acordo com Lévinas, no ‘mundo do Bem’ a subjetividade muda de lado, não ficando mais do lado do ser ou do Dito ³⁹⁴. Quando a subjetividade é significada, ela desperta do lado do Dizer³⁹⁵, e dali é enviada levando a significância do Dizer (do ‘infinito’) ao ‘outro’ e ao mundo. “O dizer é o facto de, diante do rosto, eu não ficar simplesmente a contemplá-lo, respondo-lhe. O dizer é uma maneira de saudar outrem, mas saudar outrem e já responder por ele.”³⁹⁶ “O dizer faz sinal a outro, mas significa neste sinal a própria doação do sinal. Dizer que me abre a outrem antes de dizer um dito.”³⁹⁷

4.3.1.

Eleição e responsabilidade

Para Lévinas todo ser humano antes de se tornar ser foi eleito. “A ‘eleidade’ é a origem da alteridade do ser”.³⁹⁸ A ‘eleição’ no nascimento surge como ‘sensibilidade’. E esta sensibilidade possui propriedades que influenciarão a subjetividade por toda a vida. Em primeiro lugar, a sensibilidade foi assignada.³⁹⁹ Além disso, ela é vulnerável⁴⁰⁰, e tem uma materialidade corporal cuja vocação é estar voltada ‘desde-o-Outro’ e ‘para-o-outro’.

A ‘assignação’ é uma marca anterior ao ‘ser’ feita originalmente pelo ‘Outro’. Marca que se revela como ‘vestígio’, através de três características importantes: o acusativo, o nome, e a sensibilidade corporal.

O ‘acusativo’ vem de um ‘Outro’ que não se manifesta como ‘princípio’, e por isso mesmo acaba não sendo assumido e absorvido pelo ‘eu’. Um ‘acusativo’ ainda confuso no ser, mas que no ser *ex-nihilo* aparece como interrogação.

³⁹³ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 310.

³⁹⁴ Dito se encerra o ontológico, o mundo, o natural. O dito se refere ao tempo da essência, o tempo atual. Cf. IDEM. Ibidem.

³⁹⁵ O Dizer – Significância que traz significação diferente do mundo do ser, tornando-se sinal a todo significado, e a toda substância como substância significada. Cf. IDEM. Ibidem. IDEM. Ibidem.

³⁹⁶ LÉVINAS, *Ética e Infinito*, p.71.

³⁹⁷ IDEM, *De Deus que vem...*, p.109.

³⁹⁸ IDEM, *Humanismo do outro...*, p. 67.

³⁹⁹ Assignada - marcada originalmente por outro. Cf. HOUAISS, Antônio (Ed). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. RJ: Ed. Objetiva, 2009.

⁴⁰⁰ Vulnerável – exposto com possibilidade de ser ferido ou atacado. Cf. IDEM. Ibidem.

O ‘ser’ quando descobre a presença deste acusativo em si, percebe nele o vestígio do Infinito, pois foi nomeado, convocado, criado originalmente como ‘dívida’ e ‘resposta’ pelo Infinito, antes mesmo de ter consciência. O ser percebe ter uma dívida original e originante da qual, sente como um ‘dever’. E quanto mais o ser se abre ‘para o outro’, mais este acusativo o persegue.

Para Lévinas, esta ‘acusação’ ou endividamento é uma marca positiva. O vestígio do divino no ‘ser’ é sinal, comunicação do ‘Outro’, do Infinito. “Somente um ser que transcende o mundo - um ser absoluto - pode deixar um vestígio”.⁴⁰¹ Pelo ‘Se’ a ‘subjetividade’ pertence ao ‘Outro’ e desde a sua origem o ‘Se’ se expõe, tornando-se ‘ser-para-o-outro’ antes de se tornar ‘ser-para-si’.

Para este filósofo “o nome também indica criaturalidade e eleição”.⁴⁰² Ele vem antes da ‘consciência’ e é criador da ‘consciência’ e ‘identidade’. O nomeado é criado pela nomeação, e levado a uma ‘resposta’ e ‘responsabilidade’ por uma vocação criada pelo ‘Outro’, que leva ao ‘outro’.

O mesmo acontece com a ‘sensibilidade corporal’. Como marca da eleição, surge antes da ‘consciência’, e se expõe à ‘proximidade’ tornando-se ‘vulnerável’. A sensibilidade, ao ser tocada, desperta a ‘subjetividade’ para uma significação, devolvendo-a a sua ação original, e levando-a ‘para o outro’. Quando a proximidade ao ‘outro’ se dá regida pelo ‘mundo do Bem’, sem mediações mundanas, sem intermediações, a ‘sensibilidade’ vibra em função do ‘outro’. Ela sente alegria e sofrimento ‘pelo outro’ e ‘para o outro’. Nesse caso a sensibilidade se torna ‘potência passiva’, obedecendo ao ‘outro’ antes da ‘consciência’.

Pela sua assignação a ‘subjetividade’ é capaz de ser ‘sinal’. “Criação, eleição e missão não são processos separados, mas um ‘único processo’ que se opera na ‘subjetividade em passividade e temporalização desde-o-outro e para-o-outro’”.⁴⁰³

Susin explica que o sujeito já é destinado à missão ‘desde antes’ de ser, e por isso sofre em passivo, e desperta para a ‘missão’ devido a uma ‘inadequação’ que sente no tempo presente. Essa ‘inadequação’ leva a ‘subjetividade’ a uma tensão, e a um movimento de retorno que não é a si como ‘identificação’ e nem ao

⁴⁰¹ LÉVINAS, *Humanismo do outro...*, p.65.

⁴⁰² SUSIN, *O homem messiânico*, p. 315.

⁴⁰³ IDEM. *Ibidem*, p. 318.

‘mundo do ser’, mas a um passado que vai para além da relação ‘Eu-Se’, depondo o ‘eu’, e o ‘Se’ ficando único, sendo capaz de retornar à sua pré-origem. Para ele, “Lévinas enfatiza esta recorrência como contração, retirada, exílio, deportação, não-lugar, incondição [...] aquém do ponto de partida, aquém de limites e até aquém de nada”.⁴⁰⁴ É um recuo à ‘diacronia do tempo’, chegando à angústia mais profunda, a ‘angústia de nascimento ao Outro ou conversão ao Outro’, à proximidade do ‘Outro’. “Uma proximidade anárquica, e já absolutamente passada, o que permite ao mesmo tempo à subjetividade ser ex-nihilo e, no entanto em recorrência ao Infinito”.⁴⁰⁵ Recorrência que não é um retorno à eternidade. Trata-se de uma volta à diacronia do tempo, pois ela é um ‘desígnio do tempo’.

Para Lévinas, o vestígio, o chamado, e a acusação que ocorrem pela ‘eleição’, são os responsáveis por direcionar a ‘subjetividade’.

A resposta dada à vocação criada pelo ‘Outro’ em um tempo anterior ao ‘ser’ chama-se responsabilidade. Uma ‘responsabilidade’ que só é despertada quando o ‘outro’, face-a-face, leva a ‘subjetividade’ para ‘além do ser’, para o ‘mundo do Bem’.

A ‘responsabilidade’ está ligada à ‘eleição’. Sua inscrição é pré-originária, pertencente a uma ‘subjetividade’ que não está subordinada aos domínios do ‘ser’ e da consciência, e por isso capaz de transformar o ser em um ‘outro modo que ser’. Para Lévinas esta transformação ocorre quando “a condição ontológica desfaz-se, ou é desfeita na condição ou incondição humana. Ser humano significa: viver como se não se fosse um ser entre os seres”.⁴⁰⁶

No ‘mundo do Bem’ a consciência mais profunda da ‘subjetividade’ é a de ‘eleição’, ‘responsabilidade’ e ‘paciência.’

A ‘eleição anárquica’ da ‘subjetividade’ possibilita ao ‘ser’ uma ‘transcendência’ que é anterior à história, e à liberdade da subjetividade permitindo-lhe dizer um ‘sim incondicional’. “Quando na presença de outrem digo ‘Eis-me aqui!’, este é o espaço por onde o Infinito entra na linguagem, mas sem se deixar ver”.⁴⁰⁷

⁴⁰⁴ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 320.

⁴⁰⁵ IDEM. *Ibidem*, p. 321.

⁴⁰⁶ LÉVINAS, *Ética e Infinito*, p. 83.

⁴⁰⁷ IDEM. *Ibidem*, p. 88.

O ‘Eis-me aqui’ reconduz a criatura ao seu original, à ‘passividade’ de ‘resposta’ antes de conhecer a pergunta feita como convocação, antes da decisão. ‘Resposta’ que é obediência à convocação feita pelo Infinito.

Lévinas diz: “Como responsabilidade eu compreendo a responsabilidade por ‘outrem’, portanto como responsabilidade por aquilo que não fui eu que fiz, ou não me diz respeito; ou que precisamente me diz respeito, é por mim abordado como rosto”.⁴⁰⁸

Para ele, a consciência de ‘eleição’ traz a consciência de ‘responsabilidade’, e esta vê a vocação como um dever, tornando cada sujeito responsável independente da resposta do ‘outro’. Ele é o “único comprometido com o ‘bem’ como responsabilidade assimétrica”.⁴⁰⁹ O ‘outro’ não é obrigado a responder, e quando o fizer sua reação será sempre inesperada. Responsabilidade sem limites.

A responsabilidade para com o outro é o lugar em que se coloca o não-lugar da subjetividade, ali onde se perde o privilégio da pergunta onde. Ali é onde o tempo do dito e da essência deixa escutar o dizer pré-original, responde à transcendência, à diacronia, ao descarte irreduzível que navega aqui entre o não-presente e todo o responsável, descarte ao seu modo - um modo que fala, que obriga - serve de signo ao responsável.⁴¹⁰

Trata-se de uma ‘responsabilidade’ oriunda de uma ‘aliança ao Bem’ na qual ‘o eleito’ torna-se ‘responsável’ pela vivência da ‘ética.’ A ‘subjetividade’, então, assignada, é separada, isolada, de modo que venha se sentir como ‘responsável’. Um isolamento que ultrapassa a cultura, a história e os interesses.

4.3.2. Paciência

Para Lévinas, o tempo em que o ‘Se’ foi assignado pertence a um passado e não pode ser recuperado, nem assumido no presente. Vem desde um ‘antes’, absoluto, incapaz de ser lembrado. A esse modo do tempo ele chama de ‘síntese passiva do tempo’. Síntese comandada desde ‘Outro’, nomeada positivamente de ‘eternidade’. Tempo que, visto a partir da ‘síntese ativa presente’, onde nos encontramos, corre ‘descontinuamente’, pois o presente é uma ‘passagem’ que através do ‘envelhecimento’ se atinge o futuro. No presente a corporeidade (Se) se

⁴⁰⁸ LÉVINAS, *Ética e Infinito*, p.79.

⁴⁰⁹ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 329.

⁴¹⁰ LEVINAS, Emmanuel. *De outro modo que ser*, o más Allá de la esencia, Salamanca: Sígueme, 2003, p. 54.

encontra sempre em saída da juventude para o ‘início de envelhecimento’, num processo de perda para trás e para frente. O futuro é o tempo que se estende, ultrapassando a ‘síntese ativa do tempo’.

A ‘paciência’ é o ultimo modo da síntese passiva do tempo. É tempo como espera, tempo na passividade. É este tempo e modo que movem a subjetividade eleita e responsável, em forma de ‘doação e sacrifício’ no mundo do Bem.

A síntese passiva do tempo, a paciência, é espera sem fim esperado, traída pelas expectativas determinadas e satisfeitas com aquilo que vem sob a forma de uma apreensão e compreensão. O tempo como espera - paciência, mais passiva que toda passividade correlativa a atos - espera o inapreensível.⁴¹¹

Para Lévinas, paciência diz respeito à relação ao ‘outro’, à proximidade anárquica do outro, no mundo do Bem. Tempo de esperança humana em ‘Deus e no outro’, tempo de uma vocação que vai ‘além’. Tempo em que a ‘subjetividade’ poderá vivenciar a consciência mais profunda do ser humano, que como já vimos, é a de ‘eleição, responsabilidade e paciência’. Consciência que é possível atingir porque a ‘eleição do outro’ incide na corporeidade, e é anterior à consciência, à vontade, e à liberdade.

De acordo com Lévinas, é no ‘reino do Bem’, oriundo da passividade, que a ‘paciência’ tem a sua obra: um ‘drama a três’ de linguagem ‘ética’. Nessa obra, ‘paciência’ e ‘drama a três’ se movem sob dois aspectos importantes. O primeiro é que a relação existente entre o ‘eu’ e o ‘outro’ não busca reciprocidade. O ‘um vai ao outro’ sem a exigência da responsabilidade do ‘outro’ em relação ao ‘um’. O segundo é que o ‘bem’ e o ‘outro’ não podem ser dissociados. O ‘bem’ não deixa o ser humano ir a Deus, sem o ‘outro’ ou seja, sem ‘bondade’, e tampouco o ser humano pode ir ao ‘outro’ sem o ‘Bem’, Deus. Dessa forma, o ‘Bem’ vem ao ser humano sob forma de ‘dever’ que este sente em relação ao ‘outro’. Um ‘dever’ tão forte que chega a ‘desejar o indesejável’.

Nessas duas relações acima encontramos o ‘desígnio do bem sem eros’. É o ‘Bem’ que surge junto com o ‘pobre’, o ‘marginalizado’, o discriminado e obriga a subjetividade a caminhar em direção ao ‘outro’. Para Lévinas, neste drama de pura ‘bondade’ está a ‘transcendência do bem’ e de ‘Deus’.

Na obra da paciência o ‘outro’ está sempre presente, e a ‘aproximação’ do ‘ser’ e o ‘outro’ é importantíssima. Mas quem é o ‘Outro’ e o ‘outro’?

⁴¹¹ LÉVINAS, *De Deus que vem...*, p. 80.

Outrem permanece infinitamente transcendente, infinitamente estranho, mas o seu rosto, onde se dá a sua epifania e que apela para mim, rompe com o mundo que nos pode ser comum e cujas virtualidades se inscrevem na nossa natureza e que desenvolvemos também na nossa existência.⁴¹²

O ‘Outro’ invisível surge no olhar do ‘outro’, ‘do próximo’, do irmão através da ‘aproximação’. “Aproximação” é desígnio da ‘síntese passiva do tempo’.⁴¹³ “A proximidade do próximo é minha responsabilidade por ele: aproximar-se é tornar-se responsável pelo irmão; ser responsável por seu irmão é ser refém”.⁴¹⁴ Isto acontece neste mundo, onde ambos, o ‘ser’ e o ‘outro’ se encontram como ‘corporeidade’ e ‘immediatez’.

Na ‘aproximação’ o ‘contato’ é decisivo. O ‘Outro’ que não pertence a este mundo, localizado no Infinito, aproxima-se sem intermediários mundanos, sem qualquer simbologia ou imagens. Nesse contato, a ‘immediatez’ e a ‘corporeidade’ são essenciais. O invisível faz contato, e devido à ‘immediatez’ o contato não está dominado pela ‘intencionalidade’. No contato, o corpo que em passividade recebe uma significação ainda mais profunda, vibra e estremece já como ‘resposta’ e demonstração de ‘responsabilidade’.

De acordo com Lévinas, este relacionamento aos poucos vai se tornando mais do que um simples contato, passando a ser desejo incontrolável de aproximação, chamada por Lévinas de ‘obsessão’.

Obsessão é uma forma de manifestação da responsabilidade. Um dinamismo de resposta. É uma forma incontrolável de possuir o ‘outro’, num relacionamento assimétrico e irrecíproco. Não se trata de patologia, “mas o modo positivo de universalização passiva, universalização do *‘passio’*⁴¹⁵ pelo outro e por todos”.⁴¹⁶ Esta universalização vem de se saber eleito, com uma dívida originante em atraso que cresce a cada crédito que recebe como mais dívida. Cada ‘um’ é responsável por todos os ‘outros’. Uma universalidade que confirma a unicidade da ‘subjetividade’ de todos, por todos e por tudo.

Segundo Susin, quando o ‘Outro’ se aproxima, passa a animar e inspirar a ‘pneuma do psiquismo’.⁴¹⁷ Uma corporeidade psíquica que ao ser despertada,

⁴¹² LÉVINAS, *Totalidade e Infinito*, p.188.

⁴¹³ SUSIN, *O homem messiânico*, p.334.

⁴¹⁴ LÉVINAS, *De Deus que vem...*, p.106.

⁴¹⁵ *Passio* - do latim, paixão.

⁴¹⁶ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 338.

⁴¹⁷ Pneuma do psiquismo ou alma da alma - Dentro da ‘subjetividade’ há uma exterioridade mais interior do que a interioridade. Cf. SUSIN, *O homem messiânico*, p.338.

coloca a subjetividade a serviço do ‘outro’, perseverando no ‘bem’.⁴¹⁸

Para Lévinas, “A maneira como o ‘Outro’ ou o ‘Infinito’ se manifesta na subjetividade é o próprio fenômeno da ‘inspiração’ e, por consequência define o elemento psíquico, e até o pneumático do psiquismo”.⁴¹⁹

Outro forte elemento dinamizador é a ‘encarnação’. O corpo criado e vulnerável já despertou para o ‘outro’, e passa a enxergar o ‘outro’ com olhar tocado e inspirado, doando-se totalmente através das coisas e de si mesmo.

Isto ocorre quando, no contato com o pobre, o oprimido, ou no nosso caso, no contato com a tríade que estamos focando, a mulher, @ negro e @ homossexual, surge o clamor e o sofrimento de ter tudo, enquanto o ‘outro’ não tem nada, de poder gozar de seus direitos, enquanto o ‘outro’ é discriminado, excluído por preconceito. Dessa forma, sentindo-se envergonhado e em dívida, a pessoa alimenta àquele que no corpo é excelência da alteridade, ou doa o seu tempo, energia e trabalho para lutar pelos seus direitos, etc. Gestos que são alimentados pela ‘fome de justiça’ que nunca termina, sempre quer mais, que possui um desejo infinito. Fome que deixa o ser humano inquieto, solidário e inspirado, levando-o a dar-se, transcender-se.

A culminância da encarnação acontece na ‘maternidade’. Mas, a paternidade e a filiação também podem assumir esta dimensão. “O amor do pai pelo filho realiza a única relação possível com a própria unicidade de um outro e, nesse sentido, todo o amor se deve aproximar do amor paterno”.⁴²⁰ Nos desígnios do Bem as relações familiares formam o drama a três, ‘subjetividade, o outro e Deus’, numa relação irrecíproca, assimétrica, e de modo ético. Fora dessa relação, só a ‘fraternidade’ possui essas três dimensões e tem abertura à universalidade.

A fraternidade é a própria relação com o rosto, em que se realiza ao mesmo tempo a minha eleição e a igualdade, ou seja, o domínio exercido sobre mim pelo Outro. A eleição do eu, a sua própria ipseidade⁴²¹, revela-se como privilégio e subordinação – porque não o põe entre os outros eleitos, mas precisamente em frente deles para os servir, e porque ninguém se pode substituir a ele para medir a extensão das suas responsabilidades.⁴²²

⁴¹⁸ Em um primeiro momento, ‘o Infinito’, apesar de ser exterioridade, se torna, de certa maneira, interioridade. Depois, “esta exterioridade que é ‘mais’, explode em voz, em testemunho, e a alma inspirada se revela nesta explosão”. Cf. IDEM. *Ibidem*. IDEM. *Ibidem*.

⁴¹⁹ LÉVINAS, *Ética e Infinito*, p. 90.

⁴²⁰ IDEM, *Totalidade e Infinito*, p.277.

⁴²¹ Ipseidade – o que faz com que um ser seja ele próprio e não outro.

⁴²² LÉVINAS, *Totalidade e Infinito*, p. 277-278.

A fraternidade é o lugar da singularidade e unicidade pela responsabilidade, irreciprocidade e obsessão. Mas é também o lugar da multiplicidade porque só através da comunidade é possível se unir no dever ao ‘outro’ em um encontro onde não haja reciprocidade. Ser fraterno é ser irmão, é ser ‘guardião do irmão’. É fruto de uma ‘eleição’ feita pelo ‘Bem’ e que o ‘eleito’ em primeiro lugar, o primogênito, não recebe regalias, mas ‘responsabilidade’ em relação a todos.

4.3.3. Expição e Substituição

Para Lévinas, o sofrimento e a morte têm um sentido diferente daquele que estamos acostumados a ouvir em nosso dia a dia. Como criaturas que possuímos uma materialidade corporal (Se), marcada originalmente por ‘outro’ ‘antes de vir ao ser’, nosso envelhecimento biológico e a morte não são puros acidentes. São fatores que contribuem para um acontecimento que vai ‘além do ser’.

Para Susin, “a expiação se delineia na sensibilidade e na corporeidade, na passividade e na paciência, no sofrimento e finalmente na morte”.⁴²³

O sofrimento reduz a soberba do ‘eu’, e coloca quem sofre em passividade corporal, canalizando sua vulnerabilidade e expectativas para um futuro ‘além do ser’, na possibilidade de encontrar o ‘Outro’. Sofrer não significa suportar apenas a dor humana, mas a ‘dor de sofrer’, o que é muito mais abrangente, pois é a dor de suportar, de sofrer ‘desde alguém’ e ‘para alguém’.

A subjetividade, a constituir-se no próprio movimento em que lhe incumbe ser responsável pelo outro, vai até a substituição por outrem. Assume a condição ou a incondição - de refém. A subjetividade como tal é inicialmente refém; responde até expiar pelos outros.⁴²⁴

Expiar é sofrer ‘desde o Outro’, mostrando a origem do sofrimento. É o ‘Outro’ que persegue, perturba, e confunde pela impossibilidade de ser controlado. Quanto mais o ‘Outro’ perseguir, e mais justo for o sofredor, maior é a dor. Além disso, somos responsáveis pela nossa própria perseguição. “O eu é perseguido e, em princípio, ele é responsável pela perseguição que ele sofre”.⁴²⁵

Para Lévinas todo o sofrimento humano está ligado à relação interpessoal. A própria violência em que vivemos na atualidade, mostra isso. No entanto, sempre

⁴²³ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 363.

⁴²⁴ LÉVINAS, *Ética e Infinito*, p. 83.

⁴²⁵ IDEM., *De Deus que vem...*, p.121.

existe a possibilidade de se evitar o aumento da violência não revidando, pelo ‘poder de sofrer pelo outro e expiar’. Um poder que não vem do ser humano, mas provém do ‘*surplus*’ de piedade do ‘Bem além do ser’. Uma força capaz de fazer a “transformação da ‘violência’ e do ‘sofrimento’ em ‘redenção’ que resgata da violência e do sofrimento”.⁴²⁶

Redenção que pode ainda ser entendida como ‘piedade’. Passa-se do sofrer ‘desde o Outro’ para sofrer ‘para o outro’. Reinterpreta-se o que causa o sofrimento, surgindo a ‘piedade’. Nesse caso, a ‘expição’ é possível pelo *surplus* na ‘passividade’ que a corporeidade ‘assignada’ possui, provocada pela ‘responsabilidade’. Segundo Susin:

A passividade - o sofrimento vindo a mim ‘desde o outro’ - dobra-se na concha acolhedora e parabólica da piedade, reflexiona no encontro da dor com a significância sustentada pela piedade e retorna ao outro no modo da paciência, sofrimento de mim para-o-outro.⁴²⁷

A expiação é viver e morrer por alguém. Isto pode ser uma simples intercessão ou chegar a dar a vida por alguém. Abraão é um exemplo de alguém que foi servo de Deus, não teve direitos para si, e somente deveres com todos.⁴²⁸ Segundo Susin, “Abraão só ganha o filho, a descendência e o futuro, porque ouve a ordem de Deus e a obedece, tudo isso pertencendo, pois, a Deus”.⁴²⁹

No Servo Sofredor de Isaías também podemos encontrar aspectos profundos da ‘expição’ que nos diz que, a humanidade libera em ‘um’ o último sofrimento solitário e irrecíproco, ampliando, ao mesmo tempo, o sofrimento de ‘todos e por todos’. Este ‘um’ é o responsável que apóia e suporta a todos como ‘servo sofredor’, e carrega em si o sofrimento de todos, podendo se aniquilar totalmente.⁴³⁰

Este sofrer por último sem retribuir a violência, mas suportando-a e ao sofrimento do mundo, sem que o outro sofra igualmente, por tudo e por todos, segundo Lévinas, faz parte da estrutura da ‘subjetividade’. “Sou responsável de uma responsabilidade total que responde por todos os outros e por tudo o que é dos outros, mesmo pela sua responsabilidade. O eu tem sempre uma

⁴²⁶ SUSIN, *O homem messiânico*, 365.

⁴²⁷ IDEM. *Ibidem*, p.367.

⁴²⁸ BÍBLIA, Gn12-25.

⁴²⁹ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 370.

⁴³⁰ BÍBLIA, Is 42-53.

responsabilidade a mais do que todos os outros.”⁴³¹ Para ele, cada um de nós deve ser o ‘Messias’.

Esse aniquilamento só é possível por sermos marcados originalmente pelo ‘Outro’ e pela obediência ao ‘outro’. Estes dois fatores despertam a ‘subjetividade’, tornando-a totalmente voltada e responsável pelo ‘outro’, seguindo os desígnios do ‘Bem’, no drama a três. Para Lévinas, o sofrimento que ocasiona a piedade, é um sofrimento para Deus. Traz o vestígio de Deus que está sofrendo com *aquel@* que sofre.

‘Expição’ e ‘Substituição’ estão interligados. De modo geral ‘substituir’ alguém significa ocupar o seu lugar, o seu espaço. No entanto, ‘substituir’ é ‘fazer o serviço ao outro’, colocando-se ao seu serviço, sem nome, autoridade, sem dinheiro e conceitualização. É colocar-se como ‘servo’ sob o nome e autoridade de quem substitui. “Todo serviço é substitutivo e todo servo é um substituto”.⁴³²

A obra da paciência é um percurso ético e tanto a expiação como a substituição são partes deste processo. Para haver a substituição é necessário haver um esvaziamento da eguidade do ‘eu’. Processo que vai desde a exposição do (“Se”) à expiação, ocorrendo a inversão da ‘identidade’ em ‘substituição’. A substituição ocorre pela ‘liberdade’ desobrigada de limites cuja base é a ‘inversão’, “não se colocando acima e nem em correlação dentro, mas substitutivamente abaixo de tudo e de todos”.

A identidade quando morre, apesar de não ser amparada por mais nada, ela se torna condição para o ‘outro’, um ‘universal concreto’, ou seja ‘um ponto de apoio para o universo.’ A identidade, então, fica sem ter onde repousar e torna-se uma base ética para outros repousarem: o ‘subjectum universal’, que será ‘servo de todos’. “Subjectum é *aquel@* que sofre e suporta o que lhe vem ao encontro como acusação, não dominando e nem identificando mas servindo, ou seja substituindo e tomando sobre si a carga dos outros.”⁴³³ “Posso substituir a todos, mas ninguém pode substituir-me”.⁴³⁴ Segundo Lévinas. “quando se começa a dizer que alguém pode substituir-me começa a imoralidade”.⁴³⁵

O substituir o outro é uma condição na qual se encontram presentes: a

⁴³¹ LÉVINAS. *Ética e Infinito*, p. 82.

⁴³² IDEM. *Ibidem*, p. 378.

⁴³³ SUSIN. *O homem messiânico*, p. 380.

⁴³⁴ IDEM. *Ibidem.*, p. 84.

⁴³⁵ LÉVINAS, *De Deus que vem...*, p. 121.

submissão de ser refém, e a excelência da própria subjetividade. Nesse caso, a excelência do ‘outro’ e o serviço do ‘um ao outro’ “exaltam o um como servo e refém à liberdade e à atividade no cumprimento da vocação de Subjectum para além do mundo”.⁴³⁶ “Tornam possível ao ser tornar-se expiação e substituição para o outro”.⁴³⁷

O ‘indivíduo’ no “modo subjectum, não domina, não se iguala, não se homogeneiza, nem se defende, pondo-se em dialética de contrários que terminam num todo de forças antagônicas”.⁴³⁸ Um ‘indivíduo’ mais forte que a morte, singular, vestígio e resposta.

‘Singularidade’ que é vista na ética como ‘bondade pura’. Bondade que está ligada ao modo de ser de cada ‘um’. Nesse modo o indivíduo é simples e singular, pois “é a ‘bondade’ que possui o indivíduo e não o indivíduo que possui a bondade”.⁴³⁹

Do Subjectum nasce um novo poder capaz de obedecer ao Bem e suportar o insuportável, aguentando o peso do universo: o poder messiânico’. “O Subjectum é o encarnado que expira na realização do que humanamente não poderia realizar”.⁴⁴⁰ Um ‘poder’ que parte do Bem, do Infinito, parte de um dever que vem antes do ‘poder’ e gera o ‘ser humano voltado para a humanidade.

4.4.

Ser-para- todos

O ser humano voltado para todos é aquele que se sente responsável pela humanidade. O ‘outro’, o oprimido que sofre e morre é sua responsabilidade, e com isso a subjetividade exige de si sacrifícios, chegando a abrir mão de si mesma, dos seus direitos e até de defender a própria vida. Qualquer direito, seja político, psicológico, etc, passa a não existir para atender às necessidades do ‘outro’. Neste caso, os direitos legítimos são os do ‘outro’ antes mesmo dele ter conhecimento desses direitos.

⁴³⁶ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 380.

⁴³⁷ LAZARE, Benaroyo. *The notion of vulnerability in the philosophy of Emmanuel Levinas and its significance for medical ethics and aesthetics*. Disponível em site: www.api.or.at/aebm/download/docs/web_levinas.pdf. Acessada em 15/12/2010.

⁴³⁸ SUSIN. *O homem messiânico*, p. 384.

⁴³⁹ IDEM. *Ibidem*, p. 385.

⁴⁴⁰ IDEM. *Ibidem*, p. 387.

Nessa nova compreensão do ‘ser’ em que o ‘outro’ é primazia, quem dita os direitos da ‘subjetividade’ é o ‘outro’. Há uma missão a cumprir que atingirá a muitos. “Ser é responsabilidade dentro da responsabilidade de encarnação e devotamento”.⁴⁴¹ O ‘ser’ agora é ‘bondade’, é ‘singularidade e unicidade’, mas também ‘pluralidade’, porque “a transcendência ou a bondade produz-se como pluralismo”.⁴⁴² Neste caso o ser é responsável pelos muitos ‘outros’.

Estes ‘outros’ que se apresentam, Lévinas os chama de ‘terceiro’ e aqui representará todos os ‘outros’. Susin nos diz “Na nudez do ‘outro além do ser’, no seu desfalecimento do ‘ser’, no seu infinito de altura e de despojamento ‘cabem todos os outros’”.⁴⁴³

Mas ‘ser para outrem’ não é negar o ‘eu’ que se encontra na universalidade, é não fazer do frente a frente apenas uma modalidade. De acordo com Lévinas, “a bondade não irradia sobre o anonimato de uma coletividade que se oferece panoramicamente para nela se absorver. Implica um ser que se revela num rosto”.⁴⁴⁴

Devido à exposição e vulnerabilidade da sensibilidade, o ‘ser’ se abre a ‘todos os outros’, sem escolher quem é o ‘outro’. Do ‘olhar do outro’ propondo por toda a humanidade surge a ‘família sem fronteiras’, com o universo pesando e exigindo que o ‘ser’ seja suporte ‘universal’. Se olharmos a humanidade, então, como uma família, teremos uma relação de ‘proximidade plural’ na qual será necessário fazer justiça à ‘singularidade’ de ‘todos’. Isto significa que há necessidade de se ter uma ‘relação de igualdade ética’, responsável, na qual todos, sem exceção, estejam incluídos. Numa relação de responsabilidade, e de justiça. Onde mesmo na proximidade haja um afastamento para que possa se fazer ‘justiça’ na igualdade a todos, no reconhecimento da singularidade e na diferença de cada um. Trata-se de uma responsabilidade de ‘proximidade’ que faz justiça conhecendo as distâncias, incluindo os próximos e os distantes. Em Isaías encontramos “Paz, paz ao próximo e ao distante”.⁴⁴⁵

Nesse caso na relação entre duas pessoas a justiça se apresenta como ‘dom e perdão imediato’, pois é uma relação íntima, e absorve as distâncias. Mas, quando

⁴⁴¹ SUSIN. *O homem messiânico*, p. 409.

⁴⁴² LÉVINAS, *Totalidade e Infinito*, p.303.

⁴⁴³ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 410.

⁴⁴⁴ LÉVINAS, *Totalidade e Infinito*, p.303

⁴⁴⁵ BÍBLIA, Is 57, 19.

há multiplicidade, aquele@ que está distante é sempre o ‘terceiro’ e representa os muit@s que estão na ‘proximidade e fraternidade’, mas não estão presentes. É necessário, então, trazer medidas que combatam ao mal e promovam a ‘justiça’ para todos.

Se só houvesse outrem diante de mim, diria até o fim: devo-lhe tudo. Sou para ele. E isto vale inclusive para o mal que me faz; não sou seu igual, estou sempre sujeito a ele. Minha resistência começa quando o mal que me faz é feito contra um terceiro que é também meu próximo.⁴⁴⁶

Segundo Lévinas, se o mal está atingindo ‘o terceiro’ é necessário desfazer este mal. Susin nos diz que para Lévinas, “é na obra e não apenas na intenção que se permanece ligado ao mal.”⁴⁴⁷ O ser humano é mais do que sua intenção e consciência, e por este motivo pode não ser o autor do mal, mas o seu instrumento. Para combater este mal são necessárias, então, medidas de justiça.

Nesse caso, a voz do ‘terceiro’ instiga a cobrança na ‘subjetividade’ da responsabilidade por todos, e clama por ‘justiça’, exigindo o combate ao mal.

Na relação com o outrem sempre estou em relação com o terceiro. Mas, ele também é meu próximo.[...] na realidade, a relação com outrem nunca é só relação com outrem; desde já o terceiro está representado em outrem; na própria aparição do outro o terceiro já está a me olhar. Isto faz com que a relação entre a responsabilidade para com outrem e a justiça seja extremamente estreita.⁴⁴⁸

Para impedir a violência ao terceiro, Lévinas vê, inclusive, a necessidade de reprimir o ‘outro’ que violenta o terceiro: a repressão justificada. “Violência sofrida pelo terceiro que justifica que se pare com violência a violência do outro (...) não se pode admitir que se persiga terceiros”.⁴⁴⁹

É hora do ocidente! Hora da justiça que toda caridade exigiu. Eu o tenho dito: é em nome da responsabilidade por outrem, da misericórdia, da bondade às quais apela o rosto do outro homem que todo discurso da justiça se põe em movimento, sejam quais forem as limitações.⁴⁵⁰

O ser humano ‘Subjectum’ é refém da justiça, e como tal responsável pela realização e ‘medidas para todos’. Medidas que devem conter cuidados especiais,

⁴⁴⁶ LÉVINAS, *De Deus que vem...*, p. 120-121.

⁴⁴⁷ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 414.

⁴⁴⁸ LÉVINAS, *De Deus que vem...*, p. 119.

⁴⁴⁹ IDEM. *Ibidem*, *Ibidem*.

⁴⁵⁰ LÉVINAS, Emmanuel. *Entre nós - Ensaios da alteridade*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2005, p. 294.

pois delas nascerá à ‘consciência’ para se ter ‘justiça’ entre muitos.

O ‘Subjectum’, então, ao tomar qualquer decisão, deve ter a preocupação:

1. de tomar medidas contra o ‘outro’, quando este violentar o ‘terceiro’. Medidas que não envolvam ideologia ou violência, a fim de fazerem a mediação para se obter a justiça e a paz.
2. ter na universalidade a preocupação com a ‘singularidade de cada um’, analisando suas necessidades e possibilidades.
3. ‘Todos’ devem estar em um lugar ‘visível’ para que seja possível, cuidadosamente, analisar cada situação e todos os envolvidos.

Para Lévinas, quem persegue a justiça não consegue se calar, e não dar o ‘testemunho’. O ‘testemunho’ externaliza a dor do ferimento que foi feito antes de se tornar ‘ser’, e extravasa na ‘sinceridade’, rompendo barreiras e interesses. Ele não precisa de provas, é um ‘Dizer’ inspirado no Infinito. “O sujeito que diz ‘Eis-me aqui!’, dá testemunho do Infinito”.⁴⁵¹ É um profeta do Infinito.

Na voz do Subjectum, na sua responsabilidade universal e incondicional encontramos o ‘vestígio do Infinito’.

O infinito não está diante de mim. Sou eu quem o exprime, precisamente ao fazer sinal da doação do sinal, sinal do ‘para-o-outro’, em que me des-interesso; eis me aqui. Acusativo maravilhoso: eis-me aqui sob vosso olhar, obrigado, vosso servidor. Em nome de Deus. Sem tematização!⁴⁵²

‘Profeta e testemunho profético’ caminham juntos. “O profeta não só proclama e dá glória com sua boca ao gesto ético do Subjectum, mas o universaliza com ‘proclamação’ e mandamento’ a todo”.⁴⁵³ ‘Yahweh e Eloim’, ‘misericórdia e igualdade’ juntos no anúncio de justiça. ‘Profeta’ e ‘Subjectum’ estão juntos, um no grito profético, outro no gesto, mas ambos fazem parte da mesma força e desígnio.

Nessa tarefa profética Lévinas inclui não só o ‘profeta’, mas o sábio, o pensador, a filósofo, o teólogo e todas as tarefas referentes à economia, política, literatura, arte, etc. as diversas mediações movidas pelo ‘mundo do Bem’, partem da ‘imolação e substituição’ e se convertem em serviço à ‘universalidade’. É o ‘ser-para-todos’ guiado pelo ‘grito do profeta’ que clama por ‘justiça’. Todos

⁴⁵¹ LÉVINAS, *Ética e Infinito*, p.88.

⁴⁵² IDEM, *De Deus que vem...*, p.110.

⁴⁵³ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 419.

baseados na mesma linha de sentido, a igualdade calcada na singularidade, e na responsabilidade de cada Subjectum como ser-para-todos.

As mediações, ao se encontrarem livres da violência produzida pela posse e totalitarismo, tornam-se necessárias e vitais. A ‘economia’ calcada em regras, dentro da estrutura de compra e venda, na intercambialidade encontra a possibilidade de construir uma sociedade voltada para ‘muitos’, com ‘bens para todos’. As mediações ‘obra e dinheiro’ permitem que o ‘ser humano’ possa cumprir sua ‘responsabilidade’ por aqueles que não conhece, podendo haver relação social onde seja possível trocar e mensurar o que se quer trocar.

Susin nos diz que “A tarefa messiânica está na revelação do modo como Deus criou o mundo: a fazer, e eu apporto minha parte no acabamento de um mundo em devir”.⁴⁵⁴ Cabe a cada ser humano fazer a sua parte.

A ‘justiça’ é o fundamento de toda base social, mas ela só se realizará sem distorções se for feita “por quem for capaz primeiro de distribuir começando pela doação do próprio bocado”.⁴⁵⁵ Cada um deve ser capaz de expiar e substituir.

A base da política deve ser a ‘responsabilidade pelo outro’, visando leis que favoreçam as medidas de justiça, protejam o ‘outro’ e o terceiro, resguardando a todos, de modo a haver uma unidade na pluralidade.

Para Lévinas,

A unidade da pluralidade é a paz, e não a coerência de elementos que constitui a pluralidade. A paz não pode, pois, identificar-se com o fim dos combates por falta de combatentes, pela derrota de uns e a vitória dos outros, isto é, com os cemitérios ou os impérios universais futuros. A paz deve ser a minha paz, numa relação que parte de um eu e para o Outro, no desejo e na bondade em que o eu ao mesmo tempo se mantém e existe sem egoísmo.⁴⁵⁶

Mas nem mesmo o Estado pode ser a última palavra sobre universalidade social, pois se assim o fizer, trocará a estrutura universal a serviço de todos, para se tornar uma totalidade opressora. Toda universalização deverá ter como objetivo incluir todos, a grande família humana, numa sociedade centralizada em torno dos grupos menos favorecidos. Por este motivo, Lévinas não entende qualquer separação entre vida pública e privada, entre vida religiosa e vida política.

Susin nos explica que para este filósofo:

⁴⁵⁴SUSIN, *O homem messiânico*, p. 422.

⁴⁵⁵IDEM. Ibidem.

⁴⁵⁶LÉVINAS, *Totalidade e Infinito*, p. 304.

Religião é a relação ética de responsabilidade an-árquica ao outro que tem fome e frio e de responsabilidade universal na justiça a todos, a religião deve se tornar politicamente promoção, zelo, crítica e inclusive possibilidade de revolução.⁴⁵⁷

Para comandar o Subjetctum na sua missão de ‘responsabilidade pela justiça’, onde ele precisa ser a ‘voz da justiça’, Lévinas afirma que “o sábio é insubstituível porque coincide com o homem responsável que se define mais por esta vigilância oral e mental ao outro do que pelo seu conhecimento”.⁴⁵⁸

Finalmente, Susin na busca da ‘messianidade do ser’ em Lévinas chega à importância da recuperação do ‘eu’ de cada pessoa. Se a cada pessoa é dada a ‘responsabilidade’ do compromisso com o ‘outro’, é preciso tomar medidas para cumprir a responsabilidade com todos e consigo mesmo’.

Nesse caso, cada pessoa deve ter “em primeiro lugar o direito de ser”⁴⁵⁹, mas também o direito de ter, de sonhar, de amar, etc. Ter tempo e atenção para ‘si próprio’, e de se tornar ‘um-para-si’.

Segundo Susin, Lévinas deseja uma revolução permanente. Uma revolução que tenha como objetivo a obtenção dos valores pelos quais se luta. Onde possa haver crítica, e alternância de poder sem violência. Uma revolução regida pelo ‘mundo do Bem’, na qual “o ser humano responsável por todos, está, graças a esta energia transcendental, além da alternância”.⁴⁶⁰ Uma revolução ‘singular’ e ‘responsável’, feita no ‘face a face’.

Uma revolução que nos permitirá ter uma sociedade voltada ao ‘outro’, na qual a justiça será o único grande objetivo. Onde ‘todos’ possam ser aceitos, respeitados e amados em sua singularidade, sem preconceito, discriminação, nenhum tipo de violência. Onde a ‘justiça’ será o único grande objetivo.

A paz messiânica é aquela em que está incluída toda a humanidade, como uma grande família. Surge como fruto de uma incondicional não indiferença da fraternidade universal para a qual o sujeito se define e na qual desperta à vocação e à ação política.⁴⁶¹

⁴⁵⁷ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 424. Vide nota 511.

⁴⁵⁸ IDEM. Ibidem, p. 430.

⁴⁵⁹ IDEM. Ibidem, p. 431.

⁴⁶⁰ IDEM. Ibidem, p. 438.

⁴⁶¹ IDEM. Ibidem, p. 425. Vide nota 512.

4.5.

O amor incondicional de Deus

Após conhecermos o reino do Bem e a ética da alteridade de Lévinas, é possível percebermos a forte proximidade do pensamento deste filósofo com o cristianismo. Embora existam pontos, tais como, a não necessidade de uma religião⁴⁶², a rejeição de Jesus como filho de Deus, e o seu messianismo⁴⁶³, etc, que afastam o seu pensamento do cristianismo, há também pontos muito próximos, importantíssimos e marcantes que aproximam. Diante disto, acreditamos que a ética, ponto essencial do pensamento de Lévinas, pode ser inspiradora e motivadora para um novo ‘modo que ser’ cristão a partir do ‘Outro’, voltado para o ‘outro’, como deve ser a fê cristã. E acreditamos ainda, que para se viver a ética levinasiana, é preciso ter na base dessa vivência, a essência do cristianismo’: o amor incondicional de Deus pela humanidade.

4.5.1.

Identidade cristã a partir do outro

‘O viver voltado para o outro, e outros, inclusive o terceiro’, é o modo de viver solidário e fraterno como o que fazia parte do ‘cristianismo primitivo’ e foi por um tempo a base da filosofia judaico-cristã. Mas acabou se distanciando do cristianismo na medida em que se voltou para uma ontoteologia, e passou a buscar uma salvação individual desvinculada do social.

Entretanto, desde que o Concílio Vaticano II proclamou à volta as fontes da revelação’, houve um retorno aos textos bíblicos e Patrísticos, gerando, novamente, o desejo de um cristianismo comunitário, missionário. Como diz a *Gaudium et Spes*: “O Concílio Vaticano II não hesita em dirigir a palavra somente aos filhos da Igreja e a todos os que invocam o nome de Cristo, mas a todos os homens.”(GS2) ⁴⁶⁴ “Os povos oprimidos pela fome interpelam os povos mais ricos. As mulheres reivindicam, onde ainda não a conseguiram, sua paridade de

⁴⁶² CRITCHLEY, Simon. *Religião, para Lévinas, é ética*. Entrevista à IHU on-line. Disponível em site: http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod_noticia=11113&cod_canal=41. Acessada em 27/12/2010.

⁴⁶³ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 476.

⁴⁶⁴ Sigla referente a *Gaudium et Spes* (constituição pastoral do Vat. II sobre a Igreja no mundo de hoje). Cf. CONCÍLIO ECUMÊNICO DO VATICANO II. *Constituição Pastoral “GAUDIUM ET SPES”* sobre a Igreja no mundo de hoje. In: VIER, Frederico, OFM (Coord. geral) *Compêndio Vaticano II. Constituições, decretos, declarações*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2000, GS2.

direito e de fato com os homens...”(GS27)⁴⁶⁵ Um cristianismo solidário com toda e qualquer pessoa humana, de modo especial com os pobres e sofredores, [...] os povos oprimidos, as mulheres que ainda não conseguiram ter sua dignidade respeitada...”⁴⁶⁶ Um cristianismo onde o ‘outro’ (o próximo) é o caminho para se chegar a Deus, e Deus o caminho para se chegar ao ‘outro’ (o próximo).

Desde o concílio, mudanças consideráveis aconteceram na Igreja Católica, que passou a procurar uma aproximação com as igrejas cristãs históricas, a realizar o diálogo inter-religioso com outras religiões, a protagonizar os leigos, a buscar um cristianismo mais autêntico, comunitário, voltado ao próximo, e ao messianismo. Mas, não só na Igreja Católica ocorreram e ocorrem mudanças, pois a contemporaneidade com suas características próprias, trouxe mudanças nas igrejas cristãs históricas, além da presença de diversas novas denominações cristãs.

Nesta difícil caminhada de avanço e retrocessos pela busca da essência cristã, na própria história, no Novo Testamento e na voz de alguns teólog@s que trabalham para esse fim, encontramos a forte proximidade de Lévinas.

No cristianismo primitivo as comunidades cristãs eram organizadas sobre dois princípios fundadores sem os quais jamais haveria o cristianismo, ‘Jesus Cristo’ e o ‘Espírito Santo’. As opções preferenciais dessas comunidades eram os ‘excluídos da sociedade’, e a vida comunitária calcada em ‘experiências solidárias’, essencialmente ‘fraternas.’ “A Igreja se inicia com o Jesus histórico através de seu grupo de discípulos/as, de suas opções pelos mais desfavorecidos, pela sua vida solidária, passa pela cruz e ressurreição, até chegar à efusão do Espírito Santo em Pentecostes.”⁴⁶⁷

A partir de Pentecostes os apóstolos começaram a anunciar e as comunidades foram sendo criadas tendo como base a vida, o ensinamento e ações de Jesus Cristo, cujo ‘amor’ era o traço principal das comunidades. Estas comunidades inspiradas pelo ‘Espírito Santo’, viviam em comunhão, igualitariamente, sem qualquer discriminação, pois partiam dos ensinamentos de Jesus, nos quais todos eram filh@s do mesmo Pai. Eram comunidades

⁴⁶⁵ CONCÍLIO ECUMÊNICO DO VATICANO II. Constituição Pastoral GAUDIUM ET SPES, GS27.

⁴⁶⁶ TEPEDINO, Ana Maria. *Encontro com a Igreja de Jesus Cristo* (Eclesiologia). Edição experimental, Rio de Janeiro: PUC-Rio, 200, p.112.

⁴⁶⁷ IDEM. *Ibidem*, p. 24.

carismáticas onde, através de seus dons, cada pessoa deveria servir a todos, pois cada um@ era ‘responsável’ por todos, formando o corpo de Cristo, “Pois fomos todos batizados num só Espírito para ser um só corpo; judeus e gregos, escravos e livres, e todos bebemos de um só Espírito”.⁴⁶⁸ Essas comunidades, - da mesma forma que Jesus se encarnou e viveu entre nós, “O verbo se fez carne, e habitou entre nós...”,⁴⁶⁹ - estavam encarnadas dentro da cultura e do lugar, procurando instaurar o ‘Reino de Deus’, um reino regido pela ‘Bondade’. Reino análogo ao que Lévinas chama de Reino do ‘Bem’, regido pelo Infinito.

O perdão do qual Jesus nos fala é ‘incondicional’, pois seu amor é incondicional, e para ele o ser humano deve sempre perdoar, “Não te digo sete, mas até setenta e sete vezes!”⁴⁷⁰ O evangelho de Lucas⁴⁷¹ nos mostra no encontro de Jesus com Zaqueu, um homem rico, chefe dos publicanos, que apesar de ter recebido o perdão e a oportunidade de renovar sua vida, sentiu a necessidade de fazer ‘justiça’, removendo o mal, e para isso disse a Jesus: “Senhor, eis que dou a metade dos meus bens aos pobres, e se defraudei alguém, restituo-lhe o quádruplo”.⁴⁷² Conforme a lei, Zaqueu se comprometeu em restituir a quem roubou, mas foi ainda além do que mandava a lei, com a disposição de mudar de vida. Jesus não lhe exigiu que devolvesse o que roubou, disse apenas que a salvação havia entrado naquela casa, ou seja, no seu coração. Lévinas prefere falar em responsabilidade ao invés de amor, mas quem encontra o ‘Amor’, se abre ao ‘Outro’, desperta o ‘Outro’, sente-se responsável pelo ‘outro’ e o ‘terceiro’, precisando fazer ‘justiça’.

Nessas comunidades primitivas onde a ‘solidariedade’ e a ‘fraternidade’ eram características primordiais, podemos ver o pensamento de Lévinas presente quando ele diz que é na ‘fraternidade’ que o indivíduo ganha sua identidade⁴⁷³. O ‘outro’ é quem dita a identidade de quem está à sua frente, pois cada um de nós é ‘responsável’ e ‘guardião’ de seu irmão.

⁴⁶⁸ BÍBLIA, 1Cor 12, 13.

⁴⁶⁹ IDEM. Ibidem, Jo 1,14.

⁴⁷⁰ IDEM. Ibidem, Mt 18, 22.

⁴⁷¹ IDEM, Ibidem, Lc 19, 1-9.

⁴⁷² IDEM. Ibidem, Lc 19, 8.

⁴⁷³ Neste caso, identidade deixou de ser, ‘perseverar em si mesmo para transformar o outro em si’, para ser o ‘outro’ a ditar a identidade.

Atitude diferente de Caim que quando Deus perguntou: “Onde está teu irmão Abel?” respondeu: “Não sei. Acaso sou guarda de meu irmão?”⁴⁷⁴ Para Lévinas somos responsáveis, e cada um de nós é ‘irmão-guardião’, fomos eleitos antes de ‘ser’ pelo Bem, e ‘ser responsável’ é um mandamento até possível de se negar, mas como “o bem além e antes do ser tem sua onipotência e onipresença de bem”⁴⁷⁵, não é possível à pessoa se esconder para sempre, pois cada um de nós é assignado, e essa eleição anterior torna a pessoa capaz de reconhecer essa dependência do ‘outro’, e a responsabilidade que possui.

De acordo com Zygmunt Bauman,⁴⁷⁶ esta passagem e principalmente a pergunta de Caim, marca para Lévinas, o início da ‘imoralidade’. Mas, o pensamento deste filósofo sobre a ‘responsabilidade’ de cada indivíduo em relação ao ‘outro’ e a aceitação dessa responsabilidade, é o fundamento da ‘moralidade’.

Quer eu admita, quer não, sou o guardião de meu irmão porque o bem estar do meu irmão depende do que eu faço ou do que me abstenho de fazer. Eu sou uma pessoa moral porque reconheço essa dependência e aceito a responsabilidade que ela implica. No momento em que questiono essa dependência, e peço, como fez Caim, que me dêem razões para que eu me preocupe, renuncio à minha responsabilidade e deixo de ser um ser moral. A dependência de meu irmão é o que me faz um ser ético. A dependência e a ética estão juntas, e juntas elas caem.⁴⁷⁷

Para Bauman, apesar de Lévinas usar outra terminologia, este foi o fundamento da filosofia judaico-cristã que ajudou a humanidade a se tornar civilizada.

Até o início da era cristã, o sentido de ‘pessoa’ era embrionário. Os filósofos levavam em consideração o pensamento impessoal cuja ordem imóvel regulava a natureza com as idéias. Foi o cristianismo que trouxe uma noção decisiva de pessoa, escandalizando o pensamento e a sensibilidade grega. “O cristianismo criou uma nova dimensão do homem: a pessoa humana”.⁴⁷⁸ Este modelo baseava-se na figura real de Jesus, e este, por ser considerado na revelação cristã como Filho de Deus, cada ser humano, individualmente, adquiriu um valor absoluto,

⁴⁷⁴ BÍBLIA, Gn 4,9.

⁴⁷⁵ SUSIN, *O homem messiânico*, p. 362.

⁴⁷⁶ Professor emérito de sociologia das universidades de Leeds e Varsóvia. Tem diversas obras publicadas no Brasil, dentre as quais *Amor Líquido*, *Globalização: as Consequências Humanas e Vidas Desperdiçadas*.

⁴⁷⁷ BAUMAN, Zygmunt. *A sociedade individualizada*. Vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 96.

⁴⁷⁸ MOUNIER, Emmanuel. *Il personalismo*. AVE, Roma, 1966, p 14 passim.

pois também foi considerado filho de Deus. Nesta nova dimensão, o ser humano passava a ser integrado em ‘corpo e espírito como pessoa’, tendo o Filho de Deus, como modelo do humano e do processo de humanização. “O homem e a mulher são chamados ao seguimento de Jesus Cristo, inspirando-se na vida, atitudes, comportamentos e opções.”⁴⁷⁹ É o amor a Deus e ao próximo caminhando juntos.

O ser humano, como pessoa, foi estudado por teólogos e filósofos, alguns dos quais fizeram da pessoa o centro de suas reflexões. E hoje, segundo Batista Mondin⁴⁸⁰, “a pessoa é considerada um indivíduo dotado de autonomia quanto ao ser, de autoconsciência, de comunicação e de autotranscendência”.⁴⁸¹

No entanto, o doar-se ao ‘outro’, a responsabilidade para com o ‘próximo’, o amor ao ‘próximo’ do cristianismo primitivo foi sendo abandonado na medida em que a ideia de indivíduo crescia.

Segundo o filósofo Lipovetsky, a sociedade contemporânea na qual vivemos, privilegia a satisfação imediata, a primazia do ego e da autorealização, depreciando qualquer ideal de abnegação. Não há lugar para doação, entrega, qualquer esvaziamento em prol do ‘outro’.

Para Lévinas este não é apenas um ‘mal’ da sociedade contemporânea. O ‘*surplus*’ do egoísmo, da ‘individualidade’, faz parte do ‘mal de ser’, que no ‘mundo do ser’ vive uma subjetividade voltada para si mesma. O único caminho para o ser humano abrir-se à alteridade do ‘outro’ é a ética, levando-o a ‘além do ser’, pois cada indivíduo já foi marcado originalmente pelo Bem, como responsável pelo ‘outro’ antes de ‘ser’, e para ele, “a humanidade do homem se refere a sua vocação transcendental”.⁴⁸²

O caminho das religiões, entre elas o cristianismo, afastando-se da sua base, passou a ser, quando se refere a valores morais, o de privilegiar os universais imutáveis e partir deles para o indivíduo, esquecendo que Jesus mandou segui-lo, o que significa partir da ‘singularidade para o universal’, pois como disse: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai a não ser por mim”.⁴⁸³ O

⁴⁷⁹ RUBIO, A. Garcia. *Nova Evangelização e Maturidade afetiva*. S. Paulo: Paulinas, 1993, p. 21.

⁴⁸⁰ Professor de filosofia na Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade Urbaniana, em Roma. Entre a sua obra, citamos, Curso de Filosofia vol. 1,2,3; Introdução a filosofia; O homem, quem é ele?; Em busca da política; Modernidade; A Sociedade individualizada, etc.

⁴⁸¹ MONDIN, Battista. *O homem, quem é ele?* Elementos de Antropologia Filosófica. São Paulo: Paulinas, 1980, p.303.

⁴⁸² SUSIN, *O homem messiânico*, p. 12.

⁴⁸³ BÍBLIA, Jo 14,6.

caminho de Jesus era o de servir ao ‘outro’, ajudando o ‘próximo’ naquilo que ele precisava. E estas necessidades eram individuais e únicas. Mas, quem é o meu ‘próximo’?

Um exemplo é dado por Jesus em Lucas⁴⁸⁴ quando mostra o Samaritano, diferente do sacerdote e do levita, não questionando quem é o ‘próximo’, mas acolhendo, respeitando, e cuidando. Ele vê a necessidade daquele que está diante dele, e a partir da proximidade do ‘outro’ o inclui como o seu ‘próximo’.

Em Mateus na passagem do Juízo Final, Jesus nos diz,

Então dirá o rei aos que estiverem à sua direita: ‘Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o Reino preparado para vós desde a fundação do mundo. Pois tive fome e me deste de comer. Tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me acolhestes. Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e viestes ver-me. Então os justos lhe responderão: Senhor, quando foi que te vimos com fome e te alimentamos, com sede e te demos de beber? Quando foi que te vimos forasteiro e te recolhemos ou nu e te vestimos. Quando foi que te vimos doente ou preso e fomos te ver? Ao que lhes responderá o rei: Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes.’⁴⁸⁵

Os parâmetros dados por Jesus em relação à escatologia, não foram prescrições ritualísticas, nem morais de cunho sexual, mas ações morais que diziam respeito ao ‘outro’, ligado às necessidades individuais do estrangeiro, do pobre, do doente, de cada um que é o ‘próximo’, perto ou distante.

Tanto o pensamento levinasiano como o cristianismo, trazem como modelo de ‘outro’, de ‘próximo’, os modelos bíblicos do pobre, do órfão, da viúva e do estrangeiro. Eles representam todos os outros marginalizados, e excluídos, todos aqueles que se encontram impossibilitados de satisfazer suas necessidades, de ter os seus direitos protegidos, como era o caso do Samaritano, e de todos os citados por Jesus.

Embora Lévinas diga que o cristianismo não é viável do ponto de vista teológico e tampouco necessário do ponto de vista antropológico, é no ‘Servo Sofredor’ em que ele elaborou sua antropologia, que a sensibilidade cristã reconhece a sua identidade.

Lévinas nos traz o Servo Sofredor como o ‘humano’ insubstituível que é perseguido pelo ‘outro’. Nos profundos aspectos de ‘expiação’ e ‘substituição’ é o sujeito responsável que apóia e suporta tudo, carregando em si o sofrimento de

⁴⁸⁴ BÍBLIA, Lc,10, 29-37.

⁴⁸⁵ IDEM. Ibidem. Mt 25, 34-40.

todos, chegando à aniquilação total. Para Lévinas, carregar o sofrimento do mundo sem que o ‘outro’ também sofra, é parte da subjetividade, e por isso, para ele, cada um de nós é um Messias.

Foi na figura do Servo Sofredor de Isaías, e em alguns cânticos do Servo de Javé que a comunidade primitiva encontrou as respostas para as perguntas que faziam sobre Jesus. Inicialmente, o povo dizia que Jesus havia sido castigado por Deus, mas os seguidores de Jesus tiveram uma percepção que subverteu a compreensão, pois “seu sofrimento e sua morte foram vicários”.⁴⁸⁶

Deus colocou seu Espírito sobre ele e lhe abriu os ouvidos, para ouvir sua palavra para os exilados cansados e alquebrados. Mas com sua mensagem, ele encontra rejeição e hostilidade, é injuriado, ferido, desfigurado, e por fim – embora não seja culpado, nem violento, nem enganador – é morto e enterrado como um criminoso comum [...] Ele carregou nossa enfermidade; foi traspassado por causa de nossos pecados; por suas feridas fomos curados.⁴⁸⁷

Essa ideia de Messias está ligada à esperança de um mundo renovado por Deus, um mundo de justiça e paz, íntegro e redimido. O Messias é aquele que inaugura este novo tempo, o Reino de Deus entre os homens. Por isso trata-se de uma ideia e esperança profundamente revolucionárias, pois fez a humanidade dar um verdadeiro salto qualificativo. Por isso, “foi o fundamento de muitos movimentos libertários na história ocidental. Nunca mais o mundo foi o mesmo depois que surgiu a fé no Messias.”⁴⁸⁸

A figura do Servo sofredor faz parte do ideal cristão do ‘justo que sofre por todos. Dentro desse ideal, além das interpretações dogmáticas, existe uma específica para a América Latina⁴⁸⁹ feita por Dom Oscar Romero e Ignacio Ellacuría⁴⁹⁰ cuja releitura de Jon Sobrino⁴⁹¹ identifica ‘o servo sofredor de Javé com o povo sofredor’. Jon Sobrino nos traz uma profunda reflexão sobre esta

⁴⁸⁶ KESSLER, Hans. D. Cristologia. In: SCHNEIDER, Theodor (Org). *Manual de dogmática*. Vol I, Petrópolis: Vozes, 2002, p. 233.

⁴⁸⁷ IDEM. Ibidem. In: IDEM. Ibidem, Is 42,1;50, 4 ; 42,3 ; 49, 2 ; 42, 4a ;49, 4;50, 5s ;53,14; 53, 2b.3; 53, 8s; 53, 4a.5.

⁴⁸⁸ BINGEMER, M. Clara L. *O messianismo cristão: um segredo ainda não totalmente revelado*. Disponível em site: http://www.users.rdc.puc-rio.br/agape/vida_academica/artigos_cris.htm. Acessado em 20/01/2011.

⁴⁸⁹ SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 368

⁴⁹⁰ Na época Oscar Romero era Monsenhor. Don Romero, bispo de El Salvador foi assassinado em 24/03/1980. Mais tarde foi a vez do Pe. Ignacio Ellacuría e mais 5 pessoas, também serem assassinadas pelo esquadrão da morte apoiado pelo exército de El Salvador. Cf. BARROS, Marcelo. *O risco de defender a vida*. AMAI-VOS. Disponível em site: http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod_noticia=17440&cod_canal=86. Acessado em 20/06/2001.

⁴⁹¹ É padre jesuíta. Autor de diversos livros, entre eles: Jesus, o libertador – A história de Jesus de Nazaré ; A fé em Jesus Cristo; ensaio a partir das vítimas.

passagem de Isaías quando este refere ao “homem de dores habituado ao sofrimento:”⁴⁹²

Essa é a condição normal do povo crucificado: fome, doença, casebres, analfabetismo, frustração por falta de educação e emprego, dor e sofrimento em resumo. E se suas aflições não têm limite em tempos de ‘normalidade’, crescem ainda mais quando, como o servo, por causa disso, eles e outros se decidem a ‘estabelecer a justiça e o direito’. Então recai sobre eles a violência e o veredicto, ‘é réu de morte’. Sobrevêm a perseguição e a morte, e se parecem ainda mais com o servo: ‘tão desfigurado ele estava que já não parecia homem e nem tinha aspecto humano [...] E então, como o servo, causam espanto e asco: ‘muitos se sentiram horrorizados à vista dele’.⁴⁹³

Para Sobrino o povo crucificado participa de forma análoga do mesmo destino do servo. Uns como profetas denunciando e lutando para implantar a justiça, outros pelo testemunho de suas ações, e outros na vivência de uma realidade cruel. Todos cumprindo a missão de ser um ‘servo sofredor’, na qual o servo é morto por estabelecer o direito e a justiça. Para ele, só erradicando toda a injustiça presente será possível tirar os crucificados da história das cruzes atuais.

Como nos diz Nilo Ribeiro Junior⁴⁹⁴,

A cristologia quenótica, na qual a ‘carne se faz verbo’ no corpo de cada ser humano messiânico, é o topo da teologia. É na encarnação de cada um como messias que a palavra de Deus pode ser proclamada com sentido num mundo em que a crise do monoteísmo cristão coloca em xeque o sentido dessa palavra e onde a destruição da linguagem (sujeito da fala) compromete a identidade do ser humano.⁴⁹⁵

Identidade que só pode ser encontrada se cada um seguir os passos de Jesus e se tornar um messias, vivendo sua identidade cristã a partir do ‘Outro’ para o ‘outro’, na vocação fundamental do cristão que é a de ser ‘redentor do outro. Um messianismo que só pode ser vivido no amor. Em um intenso e imensurável amor! No amor incondicional de Deus!

⁴⁹² BÍBLIA, Is 53,3.

⁴⁹³ SOBRINO, *Jesus, o libertador*, p. 368. Passagens bíblicas: Is. 42, 4-7 ; 52,14 ; 53,2.

⁴⁹⁴ Professor na UNICAP em Recife. Autor de artigos sobre Lévinas. Entre eles: Ética e alteridade: a educação como sabedoria da paz; O centenário do nascimento de Emmanuel Lévinas, etc.

⁴⁹⁵ JUNIOR, Nilo Ribeiro SJ. *O centenário do nascimento de Emmanuel Lévinas*. Perspectiva Teológica 38, n. 106, 2006, p. 391 Disponível em site: <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/25>. Acessada em 01/01/2011.

4.5.2

O amor incondicional na ética da alteridade.

Para Lévinas o rosto significa o Infinito. Como ele próprio afirma, “Não tenho receio da palavra Deus, que aparece muitas vezes nos meus ensaios. O Infinito vem-me a ideia na significância do rosto. [...] Isto é, no fato de que quanto mais justo eu for, mais responsável sou; nunca nos livramos de outrem”.⁴⁹⁶

De acordo com este filósofo, Deus é invisível. Trata-se de um Deus não tematizável no pensamento, mas não indiferente. É o Infinito que antes do ‘ser’ se tornar ‘ser’, escolheu-o, e depois se retirou, mas marcando o ser originalmente de tal forma que a convocação acompanhará o ‘ser’ por toda a sua vida, incomodando-o, deixando-o inquieto. Entretanto, esta convocação só será descoberta quando diante do ‘Outro’, que é vestígio do Infinito, o ser despertar para o outro, abrindo sua subjetividade ao outro, deixando o mundo do ser para ser regido pelo reino do Bem.

Este Deus invisível, que pela sua Bondade, e desejo de aprofundar a bondade do ser humano, visando o que a pessoa poderá fazer, envia o ‘outro’, ‘o pobre, o órfão, a viúva, e o estrangeiro’. Estes, por se encontrarem fora e acima da história realizam um julgamento constante com cada ser, indicando no dia a dia, o direcionamento a seguir.

Ser julgado assim não consiste em ouvir um veredicto, que se enuncia impessoal e implacavelmente a partir de princípios universais. [...] o julgamento em que a defesa se faz ouvir deveria confirmar na verdade a singularidade da vontade que ele julga. [...] A exaltação da singularidade no juízo produz-se precisamente na responsabilidade infinita da vontade que o julgamento suscita.⁴⁹⁷

Para Lévinas, amor é responsabilidade, é se doar, imolar, expiar e substituir. É messianismo. Chega-se ao Bem através do ‘outro’, mas para se chegar ao ‘outro’ precisa-se do Bem.

Para o Cristão "Deus é amor".⁴⁹⁸ Mas, qual é a dimensão desse amor de Deus? Qual a importância deste amor para o cristão? Em que esse amor poderá influenciar nas atitudes, nas ações, na vida de um cristão?

De acordo com a interpretação cristã, a Sagrada Escritura narra a ‘história do amor’ de Deus pelos homens. Um processo de amor que vai se clarificando a

⁴⁹⁶ LÉVINAS, *Ética e Infinito*, p. 88.

⁴⁹⁷ IDEM, *Totalidade e Infinito*, p. 243.

⁴⁹⁸ BÍBLIA, 1Jo 4,8.

partir da revelação do próprio Deus. Começa na criação do mundo e tem seu clímax com a vinda de seu filho, que se esvazia dos privilégios de sua divindade para se tornar humano, e por seu imenso amor dá a vida pelo ser humano. “Ele estando na forma de Deus não usou de seu direito de ser tratado como um deus, mas se despojou, tomando a forma de escravo. Tornando-se semelhante aos homens e reconhecido em seu aspecto como um homem, abaixou-se, tornando-se obediente até a morte, à morte sobre uma cruz”.⁴⁹⁹

De acordo com a teologia da criação, o primeiro livro da Bíblia nos revela que a causa de toda a criação é a ‘bondade’ de Deus. “Deus viu que a luz era boa. [...]”⁵⁰⁰ e criou inúmeros elementos. O último foi aquele que Deus criou à sua imagem e semelhança. “Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança. [...] Homem e mulher ele os criou”.⁵⁰¹

Tudo que Deus criou é bom: a natureza, os animais, o ser humano, etc. No topo da criação está o ser humano. Criou o homem e a mulher para serem seus cocriadores, multiplicarem-se e administrarem o mundo. Ambos foram criados à imagem e semelhança deste Deus relacional que criou o ser humano relacional, aberto ao outro, capaz de cuidar, zelar, amar. O primeiro ato salvífico de Deus foi a criação, e esta foi feita pelo ‘infinito amor’ que Deus nutre por seus filhos. Deus cria e salva imediatamente.

Um amor tão intenso que a Bíblia, do Antigo Testamento ao Novo Testamento dá testemunho e faz dele o fio condutor de seu texto. Mas, o “coração da fé Cristã” é cristocêntrico. Deus cria o ser humano para salvar, e esta salvação se dá pelo amor de Deus e se manifesta de modo concreto na pessoa de Jesus. Por este motivo, podemos dizer, que a “subjetividade cristã” na relação com toda alteridade, e é a subjetividade do “seguidor” de Jesus como discípulo e apóstolo, a condição “messiânica” do “cristão”.

“Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”.⁵⁰² É desse amor incondicional, misericordioso, cheio de compaixão que nos fala a parábola do Filho pródigo, onde o amor do Pai é tão grande que recebeu o filho que estava

⁴⁹⁹ BÍBLIA, Fl 2,

⁵⁰⁰ IDEM. Ibidem, Gn 1,4.

⁵⁰¹ IDEM. Ibidem, Gn 1,26; 27.

⁵⁰² IDEM. Ibidem, Jo 3, 16.

perdido sem recriminações, sem condições. Sua alegria era tanta que não esperou que este fosse até ele, e correu em sua direção. “Ele estava ainda longe, quando seu pai viu-o, encheu-se de compaixão, correu e lançou-se-lhe ao pescoço, cobrindo-o de beijos”.⁵⁰³

Este mesmo ‘amor misericordioso’ nós encontramos tanto na parábola da ‘ovelha perdida’ como na da ‘dracma perdida’: “Eu vos digo que do mesmo modo haverá mais alegria no céu por um só pecador que se arrepende, do que por noventa e nove justos que não precisam de arrependimento”.⁵⁰⁴ Trata-se de um Deus cuja lógica difere da nossa, pois é baseada no seu intenso amor, como ainda nos mostra as parábolas dos ‘dois servidores’, dos ‘trabalhadores da undécima hora’, e do ‘fariseu e do publicano’.⁵⁰⁵ “É um Deus que não avalia o homem pelo que ele realiza no campo religioso ou moral, mas um Deus que aceita o homem como é, que o ama e perdoa sem impor condições”.⁵⁰⁶

O próprio Jesus no evangelho de Lucas, quando nos apresenta o reino de Deus afirma que este é um reino cujo domínio não é o do juízo, mas do ‘amor’, onde prevalece o ‘perdão e a misericórdia’. “Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso. Não julgueis para não serdes julgados; não condeneis, para não serdes condenados; perdoai e vos será perdoado. [...] pois com a medida com que medirdes sereis medidos também.”⁵⁰⁷

De acordo com França Miranda⁵⁰⁸, o Novo testamento nos apresenta a soberania de Deus não mais baseada em leis para serem obedecidas. O reino surge de uma realidade voltada para o ser humano e as bem-aventuranças nos trazem uma nova imagem de Deus. “Um Deus que ama os homens sem impor condições, um Deus que é Pai, com predileção pelos mais necessitados, sempre aberto aos pecadores”.⁵⁰⁹

Como vimos no primeiro capítulo, Xavier Pikasa mostra Jesus curando o amante do centurião.⁵¹⁰ Jesus não se colocou como moralista, não exigiu que o

⁵⁰³ BÍBLIA, Lc 15, 20.

⁵⁰⁴ IDEM. Ibidem, Lc 15, 7.

⁵⁰⁵ IDEM. Ibidem,, Lc, 7, 41-43 ; Mt 20,1-15; Lc 18, 9-14.

⁵⁰⁶ MIRANDA, Mario França. *Libertados para a práxis da justiça*. A teologia da Graça no atual contexto Latino-Americano. São Paulo: Edições Loyola, 1991, p. 28.

⁵⁰⁷ BÍBLIA, Lc 6, 36-38.

⁵⁰⁸ França Miranda é padre jesuíta, professor do departamento de teologia da PUC-Rio. Autor de *Salvação de Jesus Cristo; Existência cristã hoje; Aparecida: a hora da América Latina*, etc.

⁵⁰⁹ MIRANDA. *Libertados para...*, p. 26

⁵¹⁰ BÍBLIA. Mt, 8,5-13.

centurião rompesse o seu amor, e como disse Pikasa, libertou-os para “que o vivam na fé e no amor do Reino”.⁵¹¹

O Deus cristão é ‘Amor’, e um amor tão intenso, tão verdadeiro, que poderíamos repetir Michael Himes e dizer que Deus é o próprio ‘verbo Amar’.

Não podemos experimentar a Deus se não amamos nossos irmãos, e não podemos amar nossos irmãos se não experimentarmos a Deus. [...] Deus é muito mais um verbo do que um substantivo, e é muito mais o verbo amar do que alguém que ama. [...] De certo modo, a demonstração cristã da existência de Deus pode ser resumida na seguinte frase: “Eu amo você, logo Deus existe”.⁵¹²

O Deus cristão é um Deus que chora e ri com as tristezas e alegrias do ser humano, um Deus como o qual o povo se identifica na dor, na crucificação e a quem entrega a sua luta pela justiça. Um Deus que a Bíblia nos diz que a preferência foi o pobre, a viúva, o órfão e o estrangeiro. Os excluídos da sociedade, e no qual “concretiza uma dimensão da salvação e exprime a esperança de libertação dos pobres”.⁵¹³

Jesus não revogou nenhum dos mandamentos escritos por Moisés, mas o evangelho de Marcos nos diz que deixou dois mandamentos e reconheceu no escriba que demonstrou entender a profundidade deste amor, que ele não estava longe do reino de Deus.

O primeiro é: Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor, e amarás o Senhor teu Deus de todo teu coração, de toda tua alma, de todo teu entendimento, e com toda a tua força. O segundo é este: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não existe outro mandamento maior do que este.⁵¹⁴

Na fé cristã o ‘amor passa pelo irmão’, e ao se referir ao amor Jesus não colocou regras morais ou rituais. Para ele, o importante é ‘amar concretamente’. Quem ama como o Pai ama ao ser humano vê as necessidades do seu irmão para procurar saná-las. Não pode ver o seu irmão passar fome, ser discriminado, ficar calado diante da injustiça. Quem ama não discrimina, não persegue, não mata. Quem ama trabalha em prol do seu irmão, luta pela justiça. Paulo afirma: “Em Cristo Jesus, nem a circuncisão tem valor, nem a incircuncisão, mas apenas a fé

⁵¹¹ PIKASA, Xavier. *Jesus cura o amante do centurião*. Disponível em site: <http://www.diversidadecidarelipucricio.com.br/?cat=11>. Acessado em 22/02/2011.

⁵¹² HIMES, Michael J. *Praticar a verdade no amor*. Conversas sobre Deus, relacionamentos e serviço ao próximo. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

⁵¹³ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*. Ensaio a partir das vítimas. Petrópolis: Ed.Vozes, 2000, p. 217.

⁵¹⁴ BÍBLIA, Mc 12, 29-31

agindo pela caridade”.⁵¹⁵ A norma moral que irá determinar o comportamento de cada cristão deverá ser o ‘amor maior’; a ‘caridade’.⁵¹⁶

E em João temos a dimensão do amor que Deus tem por nós e deseja que tenhamos por nosso irmão. “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos”.⁵¹⁷

A dimensão que deve ter o ‘amor’ pelo nosso ‘irmão’, o nosso ‘próximo’, ou o ‘outro’ é o amor ‘incondicional’ de Deus. O amor que dá a vida pelos amigos e também pelos seus inimigos, pois Jesus nos manda amar até mesmo os nossos inimigos. “Por aqueles que conhece e que não conhece. Pelos justos e pecadores, porque o sol nasce igualmente para todos. E foi por todos que Jesus deu a sua vida”.⁵¹⁸

Um Deus amor que comia com os pecadores. Fez da mesa lugar da partilha e sagrado, a antecipação do grande banquete escatológico onde todos participarão. Jesus jamais exclui alguém. Nem ricos, pobres, pecadores, e tampouco aquele que o traiu. Um Deus-Agape que se tornou homem-servidor e deixa como legado de seus discípulos o ‘serviço’ ao outro. Como ele fez em sua vida.

Durante a ceia [...] depõe o manto e, tomando uma toalha, cinge-se com ela. Depois põe água numa bacia e começa a lavar os pés dos discípulos e a enxugá-los com a toalha com que estava cingido. [...] ‘Compreendeis o que vos fiz? Vós me chamais de Mestre e Senhor e dizeis bem, pois eu o sou. Se, portanto, eu, o Mestre e Senhor, vos lavei os pés, também deveis lavar-vos os pés uns aos outros. Dei-vos o exemplo para que, como eu fiz, também vós o façais’.⁵¹⁹

Segundo Rubio A. Garcia este “é um Deus solidário com o sofrimento de cada ser humano, um Deus que assume o sofrimento e a morte de Jesus, e, inseparavelmente, o sofrimento e a morte de todos os seres humanos”⁵²⁰

Um Deus que em Tiago nos diz, “com efeito, a religião pura e sem mácula diante de Deus, nosso Pai, consiste nisto: visitar os órfãos e as viúvas em suas tribulações e guardar-se livre da corrupção do mundo”.⁵²¹

⁵¹⁵ BÍBLIA, Gl 5, 6.

⁵¹⁶ IDEM. Ibidem, 1Cor 13, 1-13.

⁵¹⁷ IDEM. Ibidem, Jo 15,12 -13.

⁵¹⁸ IDEM. Ibidem, Mt 26, 26-29.

⁵¹⁹ IDEM. Ibidem, Jo 13, 2-15.

⁵²⁰ RUBBIO, Alfonso Garcia. *O encontro com Jesus Cristo Vivo*. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 93.

⁵²¹ BÍBLIA, Tg 1, 27.

Diante desse amor tão grandioso, qual deve ser a base das reflexões e ações de um cristão em sua vida? Alguém que foi escolhido antes de ser, e gratuitamente recebeu a graça de Deus? Alguém que deseja seguir os passos de Jesus Cristo como discípulo e missionário?

Seguir Jesus é seguir o Amor. É praticar aquilo que Lévinas chama de ‘responsabilidade e Justiça’, mas que para o cristão é ‘perdão e libertação’. Seguir Jesus é fazer do amor incondicional de Deus a base para se viver a ‘ética da alteridade’.

4.6.

Em busca de respostas para a tríade da atualidade

Para finalizar este capítulo, vamos procurar responder as últimas perguntas feitas no início desta dissertação: Do que se trata esta ética, ‘como’ realizaremos este projeto de humanismo, no qual incluiremos ‘a mulher, @ negr@ e @ homossexual’. E que tipo de evangelização poderá ser feita para que o cristão possa ser um agente de transformação da sociedade?

Como vimos, ‘ética’ para Lévinas não são normas morais. Ética é um processo de ‘inversão’ ou ‘conversão’ do ‘eu’, no qual o ser humano diante do ‘Outro’ que é vestígio do Infinito, é capaz de sair do seu enorme egoísmo, e despertar para o ‘outro’. A ética leva o ser a abrir-se para o seu próximo, e descobrir-se eleito por Deus. Uma eleição capaz de tornar o ‘ser’ possuidor de uma responsabilidade assimétrica, e desmedida pelo ‘outro’. A ética torna o ser capaz da expiação e substituição pelo ‘outro’, assumindo o papel de Messias, num humanismo centrado no ‘outro’. O próximo é o ‘outro’, ao qual estou inapelavelmente chamado à aproximação, independente de se encontrar perto ou distante. São todos os representados pela quatríade bíblica, os discriminados, e como já citamos: a mulher, o negro e o homossexual, que por não se enquadrarem no modelo de ser humano universal criado pela sociedade ocidental ficam à margem, sem poder gozar dos mesmos direitos da grande maioria.

Pela diferença marcante e a impossibilidade de reduzir ‘o outro a si mesmo’, o ‘ser’ que se encontra dentro desses padrões se choca, fica constrangido, inquieto, e a consciência moral questiona. Pode então sentir vergonha de seus atos discriminatórios, e ter o desejo de se abrir ao ‘outro’, passando a ser ‘razão da razão’ e a ‘vontade’ levando-o a enxergar o ‘Outro’ que está atrás de um ‘Olhar’

que invoca e suplica por uma resposta, dando início a transformação ética de abertura ao ‘outro’ e a ‘todos’.

Se tivermos o ‘amor incondicional de Deus’ que Jesus viveu em comunhão com o Pai como base para a ética levinasiana, seguindo a sua pedagogia, poderemos aos poucos modificar esta sociedade. Talvez não venhamos eliminar totalmente sua violência, pois sempre existirão pessoas a não se deixarem onde seguiremos o exemplo de Jesus envolver pelo Olhar do outro, pela singularidade. Mas poderemos desenvolver um projeto voltado para a ‘ética da alteridade’, na qual, viveremos a disponibilidade ao outro, experienciando o ‘amor incondicional de Deus’. Um projeto que deverá incluir educação, cultura, evangelização e envolver todas as mediações da sociedade, objetivando a justiça, e a não violência, buscando uma sociedade centrada no humanismo do ‘outro’, vivendo a ética da alteridade.

Este projeto educacional-experiencial-transdisciplinar atingirá a área social, educacional, e cultural unido a uma evangelização que objetive viver como premissa máxima o mandamento deixado por Jesus: ‘Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo’, ou como diz Lévinas, “... o outro que é tu mesmo”, significando que a dimensão humana do teu ‘eu’ só ganha lugar por e neste amor pelo ‘outro’.⁵²²

Como nossa dissertação encontra-se na área teológica, nossa sugestão estará voltada para a evangelização.

Para se atingir o objetivo aqui proposto, poder-se-á nas igrejas cristãs levar seus membros: 1. Por meio de pequenos grupos ler, refletir, procurando experienciar a Palavra de Deus. 2. Uma experiência que parta do Amor incondicional de Deus procurando ver à ‘singularidade’ de seus membros, e levando cada participante sentir-se responsável por aquele que está a sua frente. 3. Ao vivenciar este Amor incondicional, perceber a importância de não se fugir à responsabilidade do irmão, como fez Caim, mas, ao contrário, sentir a responsabilidade pelo próximo, como fez o Samaritano. Responsabilidade proveniente do amor de Deus que o escolheu, e lhe deu a graça de poder participar do reino de Deus.

⁵²² BONAMIGO, Gilmar Francisco. *Autonomia e heteronomia na moral*. Síntese, B. Horizonte: DFIL/UFES, v.33, n 107, 2006, p.349.

Um projeto que siga a ‘pedagogia de Jesus’, cuja característica era o contato, a experiência pessoal no dia a dia, onde Jesus verificava através do face a face, do olhar daquel@ que estava a sua frente, qual a sua real necessidade, vendo este ‘outro’ como um ‘ser humano’, ultrapassando a sua condição de ‘pecador’.⁵²³ Dessa forma, com o seu amor incondicional, Jesus acolhia e incluía. Uma pedagogia que constava de afeto, de compaixão e amor, que pode ser denominada de ‘pedagogia da inclusão’.⁵²⁴

Um projeto, então, que propicie uma vivência comunitária que leve cada um a conhecer o ‘outro’, o diferente: seja negro, branco, mulher, homem, idoso, jovem, homossexual, heterossexual, deficiente, especial, gordo, pobre, cristão de outra denominação, judeu, budista, etc, de modo a conviverem, trocarem experiências de vida, e se mostrarem, de tal forma que o ‘outro’ possa ser visto além do preconceito e dos rótulos que lhe colocaram. Dentro dessa experiência, trabalhar o grupo para que perceba que Cristo nos ama exatamente como somos, e nós também precisamos respeitar, aceitar e amar o absolutamente ‘outro’.

Proporcionar experiências que levem as pessoas perceberem que fazemos parte de um corpo, o corpo de Cristo, no qual cada membro tem a sua importância e função. Se um faltar, todos sofrerão as consequências.

Estruturar um trabalho que possa ser vivido nas igrejas locais e comunidades, constantemente, sem interrupção. Uma evangelização que atinja cada pastoral ou ministério, afim de que com o tempo essa forma de agir seja rotineira e não a exceção, e tenhamos uma igreja cristã sem divisões sexistas, sem distinções, preocupada com o próximo, com o Amor responsável pelo ‘outro’ e por todos, onde o ser humano possa viver sua vocação transcendental.

Uma evangelização cujo ‘discurso’, voltado para o pequeno e o grande público, mostre sempre a responsabilidade, a assimetria, a expiação e a substituição de cada fiel pelo ‘outro’ e ‘terceiro’, sempre próximos, perto ou longe, pois cada um, é membro da família universal. Um trabalho que utilize o profeta e o ‘Subjectum’ na busca constante da justiça, do respeito, da inclusão, do amor. Um cristianismo onde ‘discurso’ e ‘ação’ sejam harmoniosos, baseados no ‘Outro’ para o ‘outro’, ou seja, no AMOR INCONDICIONAL DE DEUS.

⁵²³ PRICE, J. M. *A pedagogia de Jesus*. O mestre por excelência. Rio de Janeiro: JUERP, 1980, p.33. Disponível em site: <http://pt.scribd.com/doc/2366253/A-Pedagogia-de-Jesus-J-M-Price>. Acessado em 10/14/ 2011.

⁵²⁴ MAZZAROLO, Isidoro. *Jesus e física quântica*. Rio: Ed. PUC-RIO, 2011, p. 24.

4.7.

Resumo do capítulo

Nossa proposta neste capítulo foi trazer o conhecimento sobre o reino do Bem, e sabermos como ocorre ‘a reconstrução da identidade do eu’ como ‘ética’. Para isso, inicialmente vimos que a ética levinasiana é ‘metafísica’, e está ligada a transcendência. Por este motivo, a ética pode ir além do ‘ser’ e como tal transformar um ser, cuja subjetividade é fechada, em um ser humano capaz de assumir uma responsabilidade irrestrita pelo ‘outro’, aproximando-se do que o cristão chama de conversão, e amor incondicional pelo próximo.

Depois, percorremos todo o processo de conversão. Começamos pelo ‘ser para o outro’, onde através do face a face do ‘outro’ ocorre a inversão. A subjetividade fechada voltada ‘para si’, diante do Outro, do Infinito invisível, transforma-se em ‘para o outro’, com o ser humano passando a ser regido pelo reino do Bem. Nessa explosão causada pelo ‘Outro’, que Lévinas diz não ser etapa, - mas uma revolução que acontece no ser, - a subjetividade desperta para o modo ‘um para o outro’.

Nesse modo, o ser humano descobre ter sido eleito e assignado pelo Infinito antes de ter se tornado ‘ser’. Isto lhe proporciona uma responsabilidade assimétrica que aumenta cada dia em relação ao ‘outro. Uma responsabilidade que o leva a viver ligado não mais à sincronia do tempo, mas à diacronia. Dessa forma, ele experiencia a dimensão da fraternidade nas obras da paciência, ‘expiação e substituição’, tornando-se ‘servo sofredor’, um Subjectum universal, vivendo por todos e para todos.

Como ‘Subjectum’ dá testemunho de suas ações e como profeta clama pela justiça, buscando a justiça para o ‘outro’ e o ‘terceiro’. Sente ser parte da grande família universal, onde cada pessoa é extremamente importante. E por ser parte desta família é preciso não só perdoar, mas fazer justiça, eliminando o mal que se faz ao ‘terceiro’.

A partir daí o ‘Subjectum’ transforma cada ser humano, inclusive a si próprio, e aqueles que fazem a mediação da sociedade. Procura realizar uma revolução constante através de medidas de justiça que partam da ‘singularidade para a universalidade’, a fim de que seja possível se viver a ‘paz’ na ‘pluralidade’ e o respeito pela singularidade de cada pessoa. Desse modo, podendo-se ter uma

sociedade em que as diferenças sejam respeitadas e não eliminadas, onde todos possam ter seus direitos resguardados. E a violência causada pelo profundo egoísmo do ser humano devido a sua subjetividade fechada, venha a dar lugar a um ser humano responsável pelo ‘outro’, podendo-se viver um humanismo voltado para o ‘outro’, o messianismo do ‘outro’.

Lévinas e cristianismo possuem forte proximidade. E até mesmo nas diferenças, como a sua não aceitação do perdão do cristianismo, e a existência de um deus messiânico, proximidades podem ser encontradas. O perdão cristão é incondicional, e quem vive o amor incondicional sente a necessidade de fazer justiça, como nos mostra a passagem sobre Zaqueu⁵²⁵, no Novo Testamento. Em relação a cada cristão ser um Messias, o modelo do ser humano cristão é Jesus Cristo, e este amou tanto a humanidade que viveu o sacrifício expiatório como Servo sofredor, dando a sua vida por todos. É a ele que o cristão deve seguir, na sua singularidade, e messianidade.

Na grandeza do amor incondicional do Deus cristão, a nosso ver está a base para o cristão viver a ética de Lévinas, e resgatar o cristianismo vivido pelas primeiras comunidades no Novo testamento. O mesmo cristianismo proclamado pelo Concílio Vaticano II e no documento de Aparecida, quando a Igreja convoca “todos os seus membros discípulos e missionários de Cristo, Caminho, Verdade e Vida, para que todos os povos tenham vida nEle”.⁵²⁶ Para podermos ter a inclusão de todos na grande família universal cristã, sugerimos uma evangelização-educativa-experiencial constante através da qual nas diversas paróquias grupos formados por mulheres, homens, negros, brancos, índios, homossexuais, heterossexuais, etc... se encontrem procurando conhecer e experienciar o amor incondicional através da ética da alteridade.

Para Lévinas ‘Amor’ é responsabilidade total, e assimetria em relação ao ‘Outro’. É ‘dar-se totalmente ao Outro’, é ser ‘Servo’, Expição, Substituição, Subjectum e Profeta.

Para o cristão ‘Amor’ é Serviço, Misericórdia, Libertação, Fraternidade, Expição, Substituição, Messianismo. É o próprio Verbo Amar, Caridade, Incondicionalidade.

⁵²⁵ BÍBLIA, Lc 19, 1-9.

⁵²⁶ DOCUMENTO DE APARECIDA. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília/São Paulo: CNBB, Paulus e Paulinas, 2007, p.9.

Apesar do uso de palavras diferentes, o amor para Lévinas e o amor cristão caminham juntos, na mesma direção. Dessa forma, acreditamos que a ‘chave’ para transformarmos a sociedade em uma sociedade inclusiva está em deixarmos que Deus nos ame incondicionalmente, e encontrar nesse amor, a força para nos abrir ao outro, e amá-lo como ele é, com suas diferenças e características pessoais, vivendo enfim, a ‘ética da alteridade’.